

S
UFRJ / IE
TD 01

NS 561995

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS
DO BRASIL COM A INGLATERRA : 1850 - 1913

TD 1

REINALDO GONZÁLVES
1982

Textos para Discussão

TD 1

EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS

DO BRASIL COM A INGLATERRA : 1850 - 1913

REINALDO GONÇALVES *

1982



43 00805

(*) FEA e IEI/UFRJ

Gostaríamos de agradecer o apoio que nos foi dado por
Fernando José Pereira, João Saboia e Winston Fritsch.

"Desses ramos fundamentais (da Análise Histórica, a saber, história, estatística, 'teoria' e sociologia), a História Econômica é o mais importante... Ninguém poderá entender o complexo econômico de qualquer época, o presente inclusive, se não possuir uma visão adequada dos fatos históricos e senso histórico bastante, ou algo que pode ser classificado como experiência histórica."

Joseph A. Schumpeter
 História da Análise Econômica, vol 1,
 Editora Fundo de Cultura, RJ, 1964, pp. 34-5.

"O economista pode esperar que a pesquisa e a análise quantitativa do historiador econômico lhe fornecerá melhores dados para testar hipóteses e um número crescente de interpretações do processo de mudanças econômicas no passado que são os pré-requisitos essenciais para a elaboração de proposições teóricas concretas acerca do desenvolvimento econômico de longo prazo."

Douglas C. North
 Quantitative Research in American Economic
 History in American Economic Review, vol 53,
 no. 1, March, 1963, p. 130.

"Em suma, a quantificação, isto é, a medição e expressão numérica das situações e circunstâncias de que se compõe a história, tem um papel considerável na elaboração do conhecimento historiográfico. Mas isso sempre em conjugação íntima e inseparável daquelas circunstâncias históricas de que a quantificação fornece a medida. E isso para o fim específico, sempre, de contribuir para o relacionamento de tais circunstâncias, ou seja, das 'qualidades' que as configuram e definem. O que representa a operação central e essencial de todo trabalho científico."

Caio Prado Júnior
 História Quantitativa e Método da Historiografia
 in Debate e Crítica, no. 6, Julho, 1975, p. 19.

	<u>Pág.</u>
1. Introdução	1
2. Hegemonia Comercial da Inglaterra	2
3. Exportações do Brasil para a Inglaterra	7
4. Importações do Brasil provenientes da Inglaterra	17
5. Termos de Troca e Capacidade para Importar	25
6. Sumário e Conclusão	30
7. Notas e Referências	34
8. Apêndice Metodológico	40
9. Tabelas e Gráficos	48
10. Bibliografia	66

1. Introdução

O objetivo deste estudo é analisar as relações comerciais do Brasil com a Inglaterra no período que compreende a segunda metade do século XIX e os anos anteriores à Primeira Guerra Mundial (1).

As nossas relações comerciais com a Inglaterra são importantes na medida em que, neste período, este país aparece enquanto economia hegemônica, com um papel fundamental nos fluxos de comércio e investimento, assim como centro do sistema financeiro e monetário internacional.

No que se refere ao Brasil, devemos observar que o período 1850-1913 foi um dos períodos de maior transformação econômica na história brasileira (2). A análise da evolução do comércio exterior é fundamental para uma melhor compreensão do desenvolvimento da economia brasileira neste período devido a importância do setor exportador como principal centro dinâmico e fonte geradora de renda, e em virtude da relação entre a importação e acumulação de capital, e importação e o processo de industrialização (3).

Quanto à estrutura do estudo, temos que após a discussão na seção 2 da hegemonia comercial inglesa no Brasil durante o período 1850-1913, na seção 3 investigamos a evolução das exportações brasileiras, suas tendên-

cias, composição, índices de preços e quantidades. Na seção 4 analisamos a evolução das importações e, na seção 5, investigamos a evolução dos termos de troca e da capacidade para importar. Segue-se a esta seção, uma outra na qual apresentamos um resumo dos principais resultados obtidos. Na parte final do estudo apresentamos um Apêndice no qual discutimos a natureza dos dados, metodologias empregadas e procedimentos adotados na preparação dos quadros estatísticos.

Queremos ressaltar, entretanto, que o escopo deste estudo é limitado na medida em que objetivamos aprofundar a discussão dos aspectos quantitativos das relações comerciais anglo-brasileiras no período 1850-1913, que já foram analisadas nos seus aspectos gerais em obras importantes da historiografia econômica brasileira (4).

2. Hegemonia Comercial da Inglaterra

As relações comerciais entre o Brasil e a Inglaterra durante a segunda metade do século XIX e nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial basearam-se em estruturas econômicas bastante distintas. Por um lado, o Brasil apresentou-se durante todo este período como uma economia primário-exportadora, tendo como principal centro gerador de renda o setor exportador que vinculava sua expansão à produção de um número reduzido de produtos. Por outro lado, encontramos a Inglaterra como economia capitalista he-

gemônica durante todo o período de análise; hegemonia esta que embora tenha sofrido abalos a partir das duas últimas décadas do século XIX, permanecerá até a Primeira Grande Guerra, tanto no plano econômico como no político-militar (5). Além disto, desde o período colonial teve a Inglaterra uma presença importante na economia brasileira através das suas relações comerciais com Portugal definidas desde o século XVIII com o tratado de Methuen, em virtude da obtenção de privilégios quando da transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e, da manutenção destes privilégios após a independência com o tratado de 1827 (6).

Assim, como um resultado da existência de estruturas econômicas bastantes distintas, que definiriam vantagens comparativas específicas no comércio bilateral entre Brasil e Inglaterra, e devido ao fato de que a Inglaterra, sendo economia hegemônica, já ocupava historicamente uma posição privilegiada dentro da economia brasileira, vamos encontrar durante o período que estamos analisando (1850-1913) uma relação de dependência comercial do Brasil frente à Inglaterra. Esta relação fica evidenciada pelo fato de que as importações brasileiras provenientes da Inglaterra mais as exportações brasileiras para a Inglaterra representavam 44,2% e 18,9% do total do comércio externo (X+M) do Brasil em 1852/53 e em 1913, respectivamente; enquanto que as importações inglesas provenientes do Brasil mais as exportações da Inglaterra para o Brasil representavam 2% e 1,7% do total do comércio externo inglês em 1854 e 1913, respectivamente (7). Estes dados também mostram que

esta dependência comercial do Brasil com relação à Inglaterra é decrescente durante o período em discussão .

A perda relativa da hegemonia comercial inglesa no Brasil no período 1850-1913 é evidente a partir da análise dos dados da Tabela 1. Nesta tabela encontramos que a participação inglesa nas exportações brasileiras cai de 36% no início dos anos 50 para 15% em 1913. No que se refere às importações, encontramos o mesmo movimento com as importações provenientes da Inglaterra representando 53% do total das importações brasileiras no início dos anos 50, coeficiente este que se reduz para 27% em 1913. No que se refere às exportações brasileiras as maiores perdas de participação da Inglaterra vão ocorrer durante a segunda metade dos anos 70 e primeira metade dos anos 90. A depressão inglesa na segunda metade dos anos 70 vai acarretar uma queda absoluta nas importações provenientes do Brasil cuja média anual de £7,3 milhões na primeira metade dos anos 70 cai para £5,7 milhões no período 1875-79, enquanto que nestes mesmos períodos a média anual de importações dos EUA provenientes do Brasil cresce de £6,9 milhões para £8,7 milhões (8). Na primeira metade dos anos 90 encontramos o mesmo fenômeno, isto é, enquanto as importações inglesas provenientes do Brasil reduziam-se de uma média anual de £4,7 milhões no período 1885-1889 para £4,1 milhões no período 1890-94, as importações norte-americanas provenientes do Brasil aumentavam de £10,4 milhões para £17,1 milhões neste mesmo período. É interessante observar que embora nesta primeira metade dos anos 90 a recessão tenha sido mais grave nos EUA do que na

Inglaterra ocasionando queda na produção e importação durante o ciclo, as exportações brasileiras para os EUA aumentaram em todos os anos do período só se reduzindo em 1893 no auge da crise americana; enquanto as nossas exportações para a Inglaterra sofreram reduções em todos os anos do período exceto em 1893, que é o final desta crise na Inglaterra.

Tomando o nosso período de análise como um todo temos que a Inglaterra perde posição relativa em virtude da reduzida preferência pelos principais produtos exportados pelo Brasil, principalmente o café cujo consumo per capita na Inglaterra permaneceu estático ou talvez tenha mesmo se reduzido (9), e devido à substituição das suas fontes de produtos primários por aquelas existentes dentro do império inglês (10). Além disto, a participação norte-americana sempre foi significativa variando entre 30% e 45%, com exceção do período da guerra civil durante os anos 60 (11). É interessante observar que com a unificação do império alemão, este passa a ter uma posição significativa enquanto mercado para os produtos brasileiros, chegando a cerca de 19% em 1913, o dobro da participação francesa que não se altera de forma significativa durante todo o período em análise (ver Tabela 1). Devemos observar que concomitantemente com o movimento de perda relativa da Inglaterra enquanto mercado para as exportações brasileiras temos que as principais economias industrializadas do período eram responsáveis por cerca de 2/3 a 4/5 das compras de produtos brasileiros caracterizando uma concentração elevada do mercado exportador brasileiro que não se alterou durante a segunda metade do século XIX e nos anos anteriores à Primeira Grande Guerra.

No que se refere às importações brasileiras a perda da posição relativa da Inglaterra também vai ocorrer durante o nosso período de análise, principalmente na segunda metade dos anos 70, na segunda metade dos anos 80 e, na segunda metade dos anos 90 (ver Tabela 2).

Nesta tabela observamos que a participação da Inglaterra em quanto supridora das importações brasileiras cai de 53% no início dos anos 50 para 27% em 1913, enquanto a participação americana passa de 9% para 13% neste mesmo período; a participação alemã aumenta principalmente nos anos anteriores ao início da Primeira Grande Guerra e, a participação francesa apresenta um movimento descendente claro a partir dos anos 70. Os principais fatores explicativos da perda de posição relativa da Inglaterra teriam sido a maior competição proveniente principalmente dos EUA e da Alemanha a partir das duas últimas décadas do século XIX, perda relativa de interesse da Inglaterra pelo mercado brasileiro em virtude de maiores e melhores oportunidades em áreas do império britânico e, finalmente, o desenvolvimento ainda que incipiente de um processo de industrialização substitutivo de importações de bens de consumo durável, principalmente produtos têxteis que respondiam por parcela significativa das exportações inglesas para o Brasil (12). Contrariamente ao que ocorreu com o mercado exportador brasileiro, o grau de concentração dos países fornecedores de produtos para o Brasil parece ter sofrido um pequeno decréscimo, embora ainda permanecesse elevado nas vésperas da Primeira Grande Guerra, quando os principais países industrializados respondiam por cerca de 2/3 das importações brasileiras.

Para finalizar esta seção vale ressaltar que nas suas relações comerciais com a Inglaterra o Brasil apresenta déficits em praticamente todos os anos do período em análise (ver Tabela 3); fenômeno este completamente distinto do que ocorreu no comércio externo do Brasil no período quando apresenta superávit em praticamente todos os anos. Estes fatos sugerem um padrão de liquidações internacionais através do qual os crônicos déficits das relações comerciais anglo-brasileiras eram compensados por fluxos de capital de risco e empréstimo provenientes da Inglaterra e/ou pelo saldo com os outros parceiros comerciais, principalmente os EUA.

3. Exportações do Brasil para a Inglaterra

a. Evolução do valor das exportações

O valor das exportações brasileiras para a Inglaterra cresceu durante o período 1854-1913 a uma taxa média anual de 2,7% (ver dados da Tabela 3) (13). Este crescimento, contudo, apresenta três fases distintas. Numa primeira fase que iria de 1854 a 1873 encontraríamos uma tendência de crescimento linear apresentando uma taxa média anual de crescimento de 6,9%, enquanto que numa segunda e terceira fase vamos encontrar uma tendência melhor descrita por um polinômio do segundo grau com o seu 'vale' ocorrendo entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90 (ver Gráfico 1). Assim, na segunda fase (1874-1892) encon-

travíamos uma taxa média anual de crescimento de -2,2%, e na terceira fase (1893-1913) uma taxa média anual de crescimento de 5,1%, caracterizando uma taxa média anual de crescimento de 0,8% para todo o período 1874-1913. Em resumo, temos dois períodos de taxas relativamente altas de crescimento das exportações brasileiras, tendo o primeiro (1854-1873) durado vinte anos e o segundo (1893-1913) durado 21 anos, e um período intermediário (1874-1892) de 19 anos que apresenta uma taxa média de crescimento negativa.

A explicação para o fenômeno acima está relacionada a características gerais do mercado inglês e à evolução do mercado mundial de produtos específicos exportados pelo Brasil. O mercado inglês apresentou-se de um modo geral limitado para os produtos exportados pela América Latina em geral, e o Brasil em particular, em função das próprias preferências dos consumidores ingleses, do grau de sofisticação do mercado inglês frente à qualidade dos produtos latino-americanos e a existência de fontes substitutas de produtos primários dentro da área do império britânico com as vantagens evidentes que surgem na relação com colônias e domínios (14). Neste sentido, com a expansão do império inglês no último quartel do século XIX e o aumento do grau de sofisticação do mercado inglês em virtude do aumento da renda, deveríamos esperar um enfraquecimento da Inglaterra enquanto mercado consumidor de produtos brasileiros.

A ascensão relativamente significativa das exportações brasileiras nos períodos 1854-73 e 1893-1913 pode também ser explicada a partir da evolução do mercado mundial para produtos específicos. A principal causa do aumento das exportações do Brasil para a Inglaterra no período 1854-73 foi a ocorrência da guerra civil norte-americana que permitiu a expansão das exportações brasileiras de algodão durante a década de 60. É interessante observar que mesmo durante a guerra civil norte-americana a participação do Brasil nas importações de algodão da Inglaterra alcançou 9%, enquanto historicamente esta participação ficava em torno de 2% (15). Na década de 60 a exportação média anual de algodão para a Inglaterra foi de £3049 mil, e a dos outros produtos foi de £2505 mil, enquanto que no período 1855/9 o valor médio das exportações de algodão foi de £724 mil e o dos outros produtos foi de £1898 mil. Com o fim da guerra civil norte-americana o preço médio de algodão que tinha subido mais de 150% entre 1860 e 1865, começa a se reduzir e, em meados dos anos 70 volta a atingir os preços de 1860, fazendo com que o Brasil tenha uma participação cada vez menor no mercado inglês, participação esta que chega a 0,5% no final do século XIX.

No que se refere ao período 1893-1913 a principal causa da expansão das exportações brasileiras para a Inglaterra é o desenvolvimento da indústria da borracha a partir do final da década de 80 (16). Assim, a participação média das exportações de borracha nas exportações totais do Brasil para a Inglaterra no período 1890-

1913 foi de 68,4%. Na hipótese de que a participação da borracha tivesse se mantido constante em torno de 25% que foi a sua participação média no período 1875/89, as exportações brasileiras para a Inglaterra no período 1890-1913 teriam sido 42% do que realmente foram. Além disto, enquanto que no período 1875/89 a média anual das exportações totais exceto borracha alcançou £4049 mil, no período 1890/1913 esta média foi de £2252 mil, isto é, inferior 56% à do período anterior.

Com relação aos outros principais produtos exportados pelo Brasil podemos mencionar que o café nunca teve na Inglaterra um grande mercado em virtude das preferências dos consumidores ingleses. O cacau, por seu lado, era fornecido à Inglaterra pelas suas colônias, principalmente aquelas da costa ocidental da África e das Índias Ocidentais. O açúcar não só era fornecido pelas colônias como Java, Índias Ocidentais, Guiana e Índia, como também sofria a competição do açúcar de beterraba produzido na Europa.

Em resumo, o Brasil não foi historicamente um fornecedor importante de nenhum produto primário relevante para a Inglaterra (17), se defrontou com obstáculos à penetração de seus produtos no mercado inglês em virtude das preferências e sofisticação deste mercado e, devido à expansão de áreas do império britânico que surgiram como fontes alternativas supridoras de produtos primários para a Inglaterra. Assim, o Brasil experimentaria taxas ain-

da mais modestas de crescimento de suas exportações para a Inglaterra durante a segunda metade do século XIX (a taxa média anual de crescimento de 2,7% para todo o período 1850/1913 foi inferior à taxa média de crescimento populacional no Brasil) se não fosse por alterações no mercado mundial de produtos primários específicos (algodão na década de 1860 com a guerra civil norte-americana; borracha a partir do início dos anos 90 com o desenvolvimento de tecnologia e expansão do mercado). Vale salientar que o período de deflação mundial (1873/1896) foi importante, pois neste período ocorreu uma contração significativa da demanda inglesa pelas exportações brasileiras e, que o período 1900/1913 testemunharia de qualquer forma aumentos no valor dos produtos exportados do Brasil para a Inglaterra em virtude de ter ocorrido neste período uma expansão generalizada da economia mundial e da inglesa em particular (o chamado 'climax' Edwardiano, la belle époque), incluindo um aumento generalizado na demanda e preço de produtos primários (18).

b. Composição das exportações

Na discussão precedente sobre a evolução do valor das exportações brasileiras para a Inglaterra tivemos oportunidade de verificar mudanças na composição destas exportações que teriam explicado o processo de crescimento e tendências observadas. Nesta seção apresentaremos dados mais detalhados sobre a evolução da composição destas exportações.

Conforme podemos verificar na Tabela 4, o Brasil teve, a partir da década de 50, no seu co-

mércio com a Inglaterra, três produtos que se alternaram na posição de dominância da pauta de exportações.

O açúcar que viria a perder sua posição de predominância na pauta das exportações totais do Brasil para o café na década de 30, continuaria, no que se refere ao mercado inglês, a ocupar o primeiro lugar até a década de 50. Assim, no período 1855/60 o açúcar representava 37,7% do valor das exportações brasileiras para a Inglaterra, seguido pelo algodão com 27,6%, couro com 14,1% e, em quarto lugar, o café com 5,8%. É importante observar que na primeira metade do século XIX tanto o açúcar como o café, os principais produtos brasileiros de exportação, eram discriminados na Inglaterra em favor de produtos provenientes das colônias, sendo que as tarifas ad-valorem sobre o açúcar e café brasileiros chegaram em 1844-5 a 475% e 266%, respectivamente (19). A partir dos anos 50 outros produtos viriam a ocupar a posição de predominância nas exportações do Brasil para a Inglaterra. O primeiro seria o algodão que em função de elevados preços internacionais decorrentes da guerra civil norte-americana experimentaria uma expansão importante, ocupando a posição de predominância durante o período 1860-74, tendo ao final da guerra civil norte-americana em 1865 representado cerca de 2/3 do valor total exportado para a Inglaterra. Com a queda acelerada do preço do algodão, cujo preço médio cai de um índice de 271 em 1865 para 150 em 1872 e 85 em 1878 (20), o açúcar volta novamente a ocupar a posição de destaque nas exportações para a Inglaterra na primeira metade dos anos

70; esta posição, contudo, não iria perdurar por muito tempo devido não só à competição das colônias inglesas, como também pela expansão da demanda pela borracha natural que em 1883 iria superar o valor exportado de açúcar. A predominância da borracha na pauta de exportações do Brasil para a Inglaterra vai persistir até o final do nosso período de análise, atingindo maiores participações em 1898 e 1899 quando representa cerca de 2/3 das exportações brasileiras para a Inglaterra e, em 1910 quando esta participação aumenta para 83%. Este aumento da demanda inglesa e mundial por borracha natural vai implicar num aumento substantivo de preços entre 1895 e 1910 de 8,2% anualmente, enquanto as quantidades exportadas pelo Brasil para todo o mundo e para a Inglaterra aumentavam a uma taxa média anual de 4,3% e 5,7% respectivamente. É a partir da segunda metade dos anos 90 que a borracha vai consolidar sua posição como principal produto exportado pelo Brasil para a Inglaterra, sendo que durante todo o período que segue até 1913 sua participação média fica em torno de 70%, sendo que no período 1910-13 a borracha domina completamente as exportações brasileiras para a Inglaterra com 73,5% do valor, sendo o segundo lugar ocupado pelo algodão com 9,7% e o terceiro o café com 6,8%, o cacau com 2,3% e o açúcar com somente 2,3% do total do valor exportado. Esta 'época dourada' para a borracha natural do Brasil não iria durar muito tempo em virtude não só da competição proveniente da Malásia, Java e Ceilão, mas também devido ao desenvolvimento da borracha sintética que iria durante o período entre-guerras substituir a borracha natural.

c. Índices de quantidade e preço

Conforme podemos verificar na Tabela 5 e Gráfico 3, o Índice de quantidade (21) dos produtos exportados pelo Brasil para a Inglaterra evoluiu de forma similar ao Índice de valor, isto é, apresentou um movimento ascendente durante os anos 60 até o início dos anos 70, um movimento descendente até o início dos anos 90 e, um outro movimento ascensional a partir da segunda metade dos anos 90 até o final do nosso período de análise. As explicações para estes movimentos do Índice de quantidade são as mesmas encontradas para os movimentos do Índice de valor. Durante os anos 60 em virtude da guerra civil norte-americana expandiu-se a exportação do algodão brasileiro de 7,7 mil tons em 1860 para 44,1 mil tons em 1868, alcançando uma média anual de 34,2 mil tons no período 1869/71, até atingir o máximo da quantidade exportada de algodão do Brasil para a Inglaterra em 1872 com 50,3 mil tons, quantidade esta que nunca mais seria repetida. É importante observar que o período 1867-1875 foi um período de elevação contínua da renda nacional inglesa, com a maior amplitude relativa encontrada em todos os períodos de ascensão da renda na Inglaterra (22). Assim, neste período dentre os principais produtos exportados pelo Brasil para a Inglaterra temos os seguintes incrementos quantitativos: café 159%, borracha e cacau 124%, e açúcar 76%; somente couro não apresentou aumentos significativos no período.

A partir de 1873 inicia-se um movimento descensional na quantidade exportada que só será alte-

rado em 1892, quando o Índice de quantidade experimenta uma nova fase de ascensão que vai até 1913, que é determinada principalmente pela expansão das exportações de borracha natural.

Em resumo, em termos de quantidades exportadas observamos as mesmas três fases encontradas na evolução do valor exportado. Uma primeira fase que vai de 1850 a 1872, quando o Índice de quantidade aumenta a uma taxa média anual de 6%, uma segunda fase de redução do Índice de quantidade entre 1873 e 1892 de 2,2% ao ano e, finalmente, uma outra fase de ascensão entre 1893 e 1913 quando o Índice de quantidade cresceu a uma taxa média anual de 5,4%. Assim, durante todo o período 1850-1913 o Índice de quantidade de produtos exportados pelo Brasil para a Inglaterra cresceu a uma taxa média anual de 2,6%.

No que se refere ao Índice de preços (23) vamos encontrar uma tendência de decréscimo limitada por dois períodos de aumento dos preços (ver Tabela 5 e Gráfico 4). O aumento do Índice de preços começa no início da década de 60 em virtude do aumento dos preços do algodão causado pela guerra civil norte-americana. A partir de 1865, quando do fim da guerra com o início da queda dos preços do algodão no mercado internacional, até 1901, encontramos um movimento descensional do Índice de preços dos produtos exportados do Brasil para a Inglaterra. A partir de 1901 os preços dos produtos exportados do Brasil para a Inglaterra começam a subir em virtude principalmente do aumento do preço da borracha cujo movimento ascencio-

nal havia se iniciado em 1898.

Na realidade, os preços no mercado internacional haviam se reduzido entre 1873 e meados dos anos 90 e, em consequência, a partir de 1913 em virtude, principalmente, de variações na oferta de produtos agrícolas (24). No período 1873-1895 enquanto o Índice de preços dos produtos primários no mercado internacional reduz-se de 177 para 100, o Índice de preços dos manufaturados reduz-se de 168 para 100. Neste mesmo período o Índice de preços das importações totais da Inglaterra reduz-se de 168 para 100, o Índice de preços dos produtos exportados pelo Brasil para a Inglaterra reduz-se de 129 em 1873 para 100 em 1895 e, o Índice de preços dos produtos brasileiros exportados para todo o mundo reduz-se de 105 para 100 (ver Tabela 6 e Gráfico 5) (25). Assim, teríamos os preços dos produtos exportados pelo Brasil tanto para a Inglaterra como para os outros países reduzindo-se menos do que os dos produtos primários e de manufaturados durante este período de queda generalizada de preços entre 1873 e 1895. A explicação para este fenômeno encontra-se no que se refere às exportações totais do Brasil no fato de que o café apesar de ter experimentado uma queda significativa de preços entre 1873 e 1886, a partir de 1887 até 1896 experimenta uma fase da expansão da produção com aumento de preços.

A partir de 1898 os preços do café ficam a níveis bem inferiores àqueles do período anterior, entretanto, a borracha começa a partir de 1898 a ter preços

elevados no mercado internacional até 1910, quando novamente os preços do café no mercado internacional aumentam. No que se refere às exportações do Brasil para a Inglaterra, o aumento do Índice de preços durante a primeira década do século XX está diretamente associado ao já mencionado aumento do preço da borracha e, na medida em que o café não tem peso importante na pauta de exportações do Brasil para a Inglaterra, a partir de 1910 com a queda do preço da borracha observa-se uma diminuição do Índice de preços de produtos exportados pelo Brasil para a Inglaterra.

4. Importações do Brasil provenientes da Inglaterra

a. Evolução do valor das importações

O valor das importações provenientes da Inglaterra apresenta três fases descritas por tendências distintas (ver Gráfico 2). Numa primeira fase que compreende um período longo entre 1850 e 1891, teríamos uma tendência de crescimento de longo prazo caracterizado por uma taxa média anual de 2,9%; uma segunda fase inicia-se em 1891 e termina em 1901 caracterizando-se por uma tendência de decréscimo do valor importado, que reduz-se a uma taxa média anual de 4,1%; finalmente, uma terceira fase que iniciando-se em 1902 caracteriza-se por uma expansão significativa dos valores importados a uma taxa média anual de 9,6%. A pequena redução do valor importado em 1892 ocorre em virtude do decréscimo do valor importado de

maquinaria; de 1892 até 1901, período de significativas desvalorizações cambiais (1889-98), tarifas elevadas (1891 e 1896) e políticas contencionistas (1894, 1898), aproximadamente metade da queda do valor importado é devido à queda das importações de produtos de algodão, cujo valor reduziu-se de forma quase contínua de £2880 mil em 1892 para £800 mil em 1901. A partir de 1902 ocorre um aumento generalizado das importações, principalmente de maquinaria, ferro e aço, carvão e combustível, enquanto as importações de algodão ficam mais ou menos constantes até 1906 e, oscilam bastante a partir deste ano. Este aumento generalizado de importações seria explicado pelo elevado ritmo de crescimento da economia brasileira e pela evolução favorável da capacidade para importar nesta década anterior à Primeira Grande Guerra. (26).

b. Composição

Durante o nosso período de análise vai ocorrer uma mudança importante na composição das importações brasileiras provenientes da Inglaterra. Esta mudança vai se fazer na direção de uma participação decrescente de bens de consumo em favor de produtos intermediários e bens de capital (ver Tabela 7). Em termos de produtos específicos é importante mencionar a queda da participação dos produtos de algodão de uma média de 54% no período 1850-4 para 45% em 1870-4, 36% em 1895-9 e 21% em 1910-3. Dentre os produtos intermediários vale ressaltar o aumento da participação do ferro e carvão, que aumentaram suas parti-

cipações de 3% e 4% em 1850-4 para 11% e 12% em 1910-13, respectivamente. Dentre os bens de capital, maquinaria passou de menos de 1% do valor importado em 1850-4 para aproximadamente 10% em 1910-3.

Neste movimento vamos encontrar três períodos nos quais esta perda da posição de bens de consumo com relação a produtos intermediários e bens de capital é mais significativa, a saber, a primeira metade dos anos 70, a primeira metade dos anos 90 e a primeira década do século XX. No que se refere à primeira metade dos anos 70 esta perda de posição relativa vai se fazer mais por um aumento da quantidade e valor dos produtos intermediários e bens de capital importados do que pela redução da importação de bens de consumo. Neste particular, devemos mencionar que comparativamente ao quinquênio anterior a quantidade de tecidos de algodão importados da Inglaterra no período 1870-4 teve um acréscimo de 28%, enquanto o valor decresceu de 8%. Na primeira metade dos anos 90, quando a quantidade e valor de tecidos de algodão importados cresceram de 12,8% e 9,3% respectivamente, temos a expansão geral da economia causando um aumento da importação de tecidos de algodão mais sofisticados enquanto a industrialização ocorrida no período teria causado uma substituição da importação de tecidos de algodão menos sofisticados e de menor qualidade (27). Vale ressaltar que o valor e a quantidade de tecidos de algodão importados da Inglaterra permaneceram mais ou menos constantes entre 1885 e 1895, enquanto o valor e a quantidade de fios importados aumenta

va no mesmo período de 161% e 241%, respectivamente. Na primeira década do século XX o decréscimo da participação dos tecidos e fios de algodão vai ocorrer muito mais em virtude do aumento da importação de outros produtos, principalmente intermediários e bens de capital, do que de uma alteração significativa do valor importado de produtos de algodão que fica mais ou menos estável em torno de £2 milhões, para um valor total importado que cresceu de £5,8 milhões em 1900 para £11,3 milhões em 1909; entre estes dois anos tanto a quantidade de tecidos quanto de fios de algodão importados da Inglaterra se reduzem, enquanto o valor dos fios importados se reduzem e o valor de tecidos de algodão importados fica praticamente constante (28).

c. Índices de quantidade e preço

Para o conjunto de todos os produtos o resultado geral é o Índice de quantidade evoluindo de forma similar ao Índice de valor, isto é, apresentou uma tendência de aumento até 1891, decresceu até 1901 e a partir deste ano apresenta uma tendência de aumento (29). A única diferença marcante entre o Índice de quantidade e o de valor refere-se à maior elevação do Índice de quantidade durante as décadas de 70 e 80 em virtude da redução generalizada de preços ocorrida neste período (ver Tabela 8 e Gráfico 3).

Para analisarmos a evolução do Índice de quantidade dos produtos importados pelo Brasil da

Inglaterra dividimos os produtos segundo a sua natureza e, constatamos que os Índices para bens de consumo, bens de capital e produtos intermediários apresentam comportamentos distintos, principalmente a partir de meados dos anos 70 (ver Gráfico 6). Assim, durante as duas primeiras décadas do nosso período de análise observamos que todos os três índices apresentam uma tendência de elevação, principalmente, o de bens de consumo e o de produtos intermediários. Esta tendência vai se manter para os produtos intermediários durante todo o período 1850-1913, enquanto que para os bens de consumo ela vai se reverter a partir de 1892.

Os bens de capital vão apresentar flutuações bastante significativas em decorrência de eventos específicos; em 1873 e 1874 ocorre um aumento significativo em virtude da importação de um volume bastante elevado de fios e equipamentos telegráficos que parecem estar associados com o início das operações em 1873 da 'The Brazilian Submarine Telegraph Co. Ltd.' e da 'Western and Brazilian Telegraph Co. Ltd.' que viriam a se fundir em 1899 (30). Em 1891 e 1892 vai ocorrer outro aumento significativo das importações de bens de capital de um modo geral em virtude principalmente da política de expansão do crédito, sendo que neste período os equipamentos para estradas de ferro, implementos, ferramentas, fios e aparelhos telegráficos têm um aumento relativo bastante superior ao da maquinaria.

Além disto, em 1893, quando ainda persiste a expansão cafeeira e a taxa de câmbio não é significativamente distinta daquela em 1891, os valores dos principais bens de capital importados da Inglaterra estão abaixo dos valores de 1891. A partir de 1893 o Índice de quantidade de bens de capital importados apresenta uma tendência declinante até 1901. A partir de 1902 ocorre uma expansão generalizada da economia o que vai acarretar um aumento significativo da importação de bens de capital em virtude da disponibilidade de reservas cambiais geradas pela nova expansão cafeeira, pela expansão da borracha e pelo aumento dos empréstimos e investimentos externos no Brasil. No que se refere à importação de maquinaria, temos uma tendência de crescimento com flutuações cíclicas até o final dos anos 60 (ver dados da Tabela 9 e Gráfico 8). Durante a primeira metade dos anos 70 temos uma elevação significativa do volume importado de maquinaria, que coincide neste período com a instalação de fábricas têxteis no Rio de Janeiro. No período 1880-96 vai ocorrer um aumento substantivo nas importações de maquinaria, que estaria associado ao intenso investimento na indústria têxtil, principalmente no período 1885-95. Na segunda metade dos anos 90 reduz-se a importação de maquinaria em virtude da política contencionista adotada e da desvalorização cambial. Um novo aumento da importação de maquinaria vai ocorrer a partir de 1903 quando a economia brasileira vai experimentar uma expansão generalizada em virtude dos programas de investimento público e do aumento das exportações. (31).

No que se refere aos produtos intermedieiros encontramos a mesma tendência de aumento das importações durante o período 1850-1913, cujas flutuações tendem a acompanhar aquelas da importação de bens de capital, embora apresentem amplitudes bem menores e não tenham as variações atípicas de 1873-4, 1891-2 e os incrementos substantivos na segunda metade da primeira década do século XX.

Quanto aos bens de consumo a reversão da tendência de crescimento a partir de 1892 vai decorrer da progressiva desvalorização da moeda brasileira durante toda a década de 90, do aumento da competição de produtos têxteis da Alemanha e, principalmente, da competição doméstica. É interessante observar que nos três últimos anos anteriores ao início da Primeira Grande Guerra, a Inglaterra ainda respondia por 2/3 do total da quantidade de produtos de algodão importados pelo Brasil, importações estas que correspondiam a cerca de 9/20 do consumo total de tecidos de algodão no Brasil (32), isto é, nas vésperas da Primeira Grande Guerra a Inglaterra era responsável pelo fornecimento de aproximadamente 1/3 do total do consumo de produtos de algodão no Brasil.

No que se refere ao Índice de preços, encontramos da mesma forma que na evolução do índice de quantidade, três fases distintas (ver Gráfico 4). A primeira iria de 1850 a 1865, quando do fim da guerra civil norte-americana, e caracterizou-se por um aumento do índice de preços dos produtos importados pelo Brasil. Na realidade, este período foi caracterizado por aumento generalizado dos

preços (33). O aumento dos preços dos produtos importados pelo Brasil vai se acelerar no período 1862-65 em virtude da elevação do preço dos produtos têxteis de algodão que tiveram o preço da sua matéria prima, o algodão cru, aumentando bastante nestes anos em decorrência da guerra civil norte-americana. Assim, enquanto o índice de preços dos produtos importados pelo Brasil, o qual era fundamentalmente determinado pelo preço dos produtos de algodão, crescia de 63% entre 1850 e 1865, o preço das fibras têxteis inglesas crescia neste mesmo período 72% (34).

Na realidade, 1865 é o ano em que o índice de preço de produtos importados da Inglaterra pelo Brasil atinge seu ponto máximo, a partir deste ano inicia-se uma nova fase caracterizada por uma tendência decrescente que vai durar até 1898. Conforme já foi mencionado anteriormente o período compreendido entre o início dos anos 70 e meados dos anos 90 é caracterizado por uma redução generalizada dos preços à escala mundial em virtude, principalmente, do aumento da oferta de produtos agrícolas que teria reduzido o custo de reprodução da força de trabalho em países industrializados e, acarretado um barateamento dos produtos manufaturados.

A partir de 1898 inicia-se uma nova fase para a evolução dos preços dos produtos importados pelo Brasil, caracterizada por uma ligeira tendência de elevação de preços. Este movimento também seria explicado pela oferta mundial de produtos agrícolas que se reduzindo aumenta-

ria os preços dos produtos agrícolas, elevaria o custo de vida e os salários e, finalmente, acarretaria um aumento no nível geral de preços (35).

Para finalizar, vale ressaltar que as tendências e flutuações observadas na evolução do nosso índice de preços de produtos importados da Inglaterra coincide de forma bastante evidente com as tendências e flutuações observadas na evolução do índice de preços das exportações totais e de manufaturados da Inglaterra (ver Gráfico 7). Este fenômeno é explicado pelo fato de ter a Inglaterra uma vantagem comparativa na exportação de um conjunto específico de produtos principalmente têxteis, metais, maquinaria e carvão, e pela distribuição das exportações totais inglesas, assim como a sua evolução, que vão ser muito semelhantes com a das importações brasileiras provenientes da Inglaterra (36).

5. Termos de Troca e Capacidade para Importar

Na análise dos movimentos de longo prazo dos preços de mercadorias envolvidas no comércio internacional encontra-se evidência indicando uma deterioração dos termos de troca dos países exportadores de produtos primários com relação aos países exportadores de produtos manufaturados (37). A explicação desta tendência seria a menor elasticidade-renda dos produtos agrícolas relativamente aos manufaturados, a substituição de produtos primários por produtos sintéticos e, transferência do aumento de produtividade

de para salários e lucros maior no caso dos países produtores de manufaturados do que no de produtos primários (38).

Na medida em que as relações comerciais anglo-brasileiras no período 1850-1913 caracterizaram-se pela exportação de reduzido número de produtos primários do Brasil para a Inglaterra e a exportação de manufaturados ingleses para o Brasil, deveríamos encontrar uma deterioração dos termos de troca do Brasil (preço das exportações brasileiras para a Inglaterra/preço das importações brasileiras provenientes da Inglaterra). A análise dos nossos dados sugere, contudo, evidência contrária, isto é, os termos de troca do Brasil com a Inglaterra apresentaram uma tendência de melhora durante o período de análise (Tabela 10 e Gráfico 9). Esta tendência é informada pela seguinte equação $TT = 79,785 + 0,504 t$
(1854 = 1) $r^2 = 0,469$

Esta melhora dos termos de troca do Brasil, que passa de uma média de 91 no período 1854-6, para 96 no período 1879-81 e, 111 no período 1911-3, pode ser explicada pelo lado das importações brasileiras, conforme já observamos, pelo fato dos movimentos de preços seguirem de forma bastante aproximada os preços de exportação total e de manufaturados da Inglaterra, com uma elevação até meados dos anos 60, uma redução durante o período 1873-95 e um aumento até as vésperas da Primeira Grande Guerra; pelo lado das exportações, conforme também já observamos, os preços dos produtos brasileiros teriam a partir de 1870 se reduzido menos do que os produtos primários e manufaturados

em virtude da elevação do preço do café entre 1887 e 1896 e a elevação do preço da borracha a partir de 1898. O resultado destes movimentos é que os termos de troca do Brasil com a Inglaterra teriam não somente apresentado uma melhora, como teriam tido um desempenho favorável quando comparados com os termos de troca da Inglaterra com o resto do mundo e, evidentemente, com os termos de troca de produtos primários em relação aos manufaturados com sua tendência secular de deterioração (ver Tabela 11).

É interessante observar que se utilizarmos o índice de preços de importações brasileiras provenientes da Inglaterra como uma 'proxy' para o índice de preços das importações totais do Brasil (39), encontraremos a mesma tendência, embora não tão significativa, de melhora nos termos de troca da economia brasileira com o exterior (ver Tabela 12 e Gráfico 10). Este resultado deve, naturalmente, ser visto com muito cuidado em virtude das diferenças metodológicas importantes e das limitações dos dados usados na construção dos índices (40). A equação de tendência linear encontrada para o período 1850-1913 foi:

$$TT = 61,779 + 0,361 t$$

$$(1850 = 1) \quad r^2 = 0,351$$

A diferença nos coeficientes angulares das equações de tendência linear dos termos de troca do Brasil com a Inglaterra e do Brasil com todos os países é bastante influenciada pelo fato de que no cálculo do índice de preço das exportações totais não se incluiu a borracha que nos últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX apresentou aumentos significativos que são incorporados no cálculo do

Índice de termos de troca entre Brasil e Inglaterra.

Embora estejamos interessados principalmente nos movimentos de longo prazo dos termos de troca, é importante observar que um conjunto de variáveis influenciaram as flutuações cíclicas dos termos de troca, dentre as mais importantes devemos mencionar a ocorrência de guerras (guerra civil norte-americana afetando o preço internacional do algodão em 1860-65), crise nas principais economias avançadas (como na primeira metade dos anos 90), ciclos econômicos de maior amplitude no mercado internacional (queda generalizada dos preços no período 1873-1895), situação do mercado internacional para produtos específicos (café 1886-1896, borracha de 1897 até a Primeira Grande Guerra), atividade econômica doméstica (deflação do período 1900-08 reduzindo preços de exportação), política governamental (Lei Euzébio de Queiroz de 1850, afetando a oferta de mão de obra escrava para a lavoura cafeeira do Rio de Janeiro e a oferta de café), a taxa cambial (uma taxa sobre valorizada pode afetar negativamente a oferta de produtos de exportação) e, a taxa de desconto (custo de crédito mais elevado acarreta redução de estoques e demanda de matérias-primas).

No que se refere à capacidade de importar do Brasil com relação à Inglaterra temos três fases (ver Tabela 10 e Gráfico 9). A primeira que vai até o início dos anos 70 caracterizada por um aumento da capacidade para importar; o quarto de século seguinte experimenta uma

certa redução da capacidade para importar, que vai apresentar um movimento ascensional a partir do final dos anos 90. Estes movimentos da capacidade para importar vão ser determinados principalmente pela evolução da quantidade exportada, na medida em que os índices de preço de exportação e importação apresentam flutuações menos acentuadas do que o índice de quantidade (ver Gráficos 3 e 4). Assim, na primeira fase a capacidade para importar vai ser influenciada principalmente pela guerra civil norte-americana (1860-5) e pela própria expansão da economia inglesa no período 1867-75; na segunda fase temos o enfraquecimento da Inglaterra enquanto mercado consumidor de produtos brasileiros em virtude principalmente da expansão do império inglês e das próprias preferências dos consumidores ingleses. Na terceira fase, são as modificações ocorridas no mercado internacional de borracha que vão ser os principais determinantes da capacidade do Brasil para importar no seu comércio bilateral com a Inglaterra.

É interessante observar que se utilizarmos o índice de preço das importações brasileiras provenientes da Inglaterra como uma 'proxy' para o índice de preços das importações totais do Brasil, encontraremos para a capacidade total de importar do Brasil um crescimento exponencial causado principalmente pela expansão da quantidade de produtos exportados e, apresentando flutuação cíclica mais significativa na segunda metade dos anos 80 e primeira metade dos anos 90 em virtude da expansão cafeeira no período, que acarreta um aumento do índice de capacidade para im-

portar de 93 em 1866 para 206 em 1895 (ver Tabela 12 e Gráfico 10). Os primeiros anos do século XX também experimentam um aumento generalizado do comércio internacional que vai se refletir num aumento substantivo da capacidade para importar da economia brasileira. Este movimento geral da capacidade para importar da economia brasileira diferencia-se da evolução da capacidade para importar do Brasil no seu comércio bilateral com a Inglaterra em virtude da redução do índice de quantidade de exportação de produtos brasileiros para a Inglaterra no período 1873-92.

6. Sumário e Conclusão

Tendo como objetivo analisar a evolução das relações comerciais anglo-brasileiras no período 1850-1913, não procuramos neste estudo verificar nenhuma hipótese específica ou conjunto de hipóteses acerca destas relações. O objetivo básico foi dar uma contribuição ao estudo da história econômica do Brasil através da elaboração e discussão de elementos quantitativos mais detalhados das relações comerciais anglo-brasileiras.

O período 1850-1913 é um período de transição importante para a economia brasileira e para a economia mundial. Neste período, a relação comercial do Brasil com a Inglaterra era de dependência, com a Inglaterra tendo uma participação fundamental não só nos fluxos comerciais, como também nos de investimento para o Brasil. Esta relação de dependência comercial vai reduzir-se duran-

te o nosso período de análise em virtude de alterações ocorridas na economia mundial, e nas economias inglesa e brasileira. A perda de hegemonia inglesa à escala mundial que começa a evidenciar-se no último quartel do século XIX, com o aumento da competição intercapitalista, mudanças internas na Inglaterra em virtude da expansão do império britânico (novos mercados absorvedores de produtos britânicos e fornecedores de produtos primários para a Inglaterra), e alterações ocorridas na própria economia brasileira (e.g. a ascensão da cafeicultura e industrialização nos últimos anos do século XIX) foram fatores que contribuíram para a redução da chamada 'preeminência inglesa' no Brasil durante o período que vai de meados do século XIX até o início da Primeira Grande Guerra Mundial.

Analisando-se o fluxo de mercadorias exportadas do Brasil para a Inglaterra verifica-se no último quartel do século XIX, período de expansão imperialista e de flacidez mundial, uma redução do valor e quantidade exportado, que na realidade apresentaram movimentos semelhantes. As exportações brasileiras expandiram-se durante o chamado 'climax Edwardiano' com a predominância da borracha que já vinha ocupando a posição de destaque entre os produtos exportados do Brasil para a Inglaterra desde os anos 70. O movimento dos preços do reduzido número de produtos exportados do Brasil para a Inglaterra obedeceu ao comportamento geral dos preços mundiais no período. Um aumento de preços até o início da década de 70 e, no quartel de século seguinte uma deflação e, nos últimos anos da década de 90 até a Primeira

Grande Guerra um aumento generalizado de preços. Conforme já mencionamos, o movimento do Índice de quantidade exportada tendeu a acompanhar o movimento do Índice de valor.

Com a tendência geral de aumento da renda global da economia brasileira no período 1850-1913, temos um aumento das importações totais e das importações provenientes da Inglaterra. Em todo este período destaca-se a década de 90, quando em virtude de uma política de constante desvalorização cambial, tarifas protecionistas, políticas contencionistas e substituição de importação de produtos têxteis, ocorre uma redução no Índice de valor e quantidade de importação. Índices de valor e quantidade tiveram, na realidade, durante todo o período em análise movimentos semelhantes. Um aspecto importante no que se refere às importações trata-se da mudança na sua composição, com a substituição praticamente contínua de bens de consumo por bens de capital e produtos intermediários. O Índice de preços de importação seguiu movimento similar ao Índice de preço de exportação, acompanhando os movimentos ocorridos no mercado internacional.

Contrariamente ao sugerido pela chamada 'teoria da deterioração dos termos de troca', a relação de intercâmbio do Brasil com a Inglaterra e do Brasil com todos os outros países parece ter melhorado durante o período 1850-1913. A explicação para este fenômeno é que durante o período de deflação mundial os preços dos produtos brasileiros, principalmente o café, parecem ter-se reduzido me-

nos do que os dos outros produtos e, a partir de 1898 os preços da borracha começam a aumentar de forma bastante significativa no mercado internacional, afetando favoravelmente os nossos termos de troca.

No que se refere à capacidade do Brasil de importar da Inglaterra (i.e. capacidade de compras das exportações) temos um aumento até o início dos anos 70, uma redução no quartel de século seguinte e um aumento a partir dos últimos anos da década de 90. Este movimento foi de terminado basicamente pela quantidade exportada. Este movimento geral foi distinto do da capacidade de compras das exportações totais do Brasil que teve uma tendência de aumento durante todo o período 1850-1913, em virtude também do aumento da quantidade exportada.

Finalmente, temos que contrariamente ao que ocorreu nas relações de comércio exterior do Brasil, as relações comerciais com a Inglaterra apresentaram déficit em quase todos os anos do período em análise, estes fatos sugerem um padrão de liquidação internacional pelo qual os crônicos déficits comerciais do Brasil com a Inglaterra eram compensados por fluxos de capital de risco e empréstimos, principalmente capitais ingleses, e/ou pelo constante superávit do Brasil com seus outros parceiros comerciais, notadamente os EUA.

7. Notas e Referências

- (1) Uma primeira imprecisão no nosso estudo: investigamos, na realidade, as relações comerciais do Brasil com o Reino Unido, i.e., Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda; mas, devido à hegemonia política e econômica da Inglaterra dentro do Reino Unido e, por conveniência de linguagem, faremos referência em todo texto às relações comerciais anglo-brasileiras. Estas, talvez, tenham sido as razões pelas quais o livro de A. K. Manchester; "British Preeminence in Brazil" foi intitulado "Preeminência Inglesa no Brasil".
- (2) Cf. Prado Jr. (1976), p. 192 e Manchester (1933), p. 270.
- (3) Cf. Furtado (1970), p. 142. Villela e Suzigan (1973), pp. 67-8, apresentam dados para 1907/19/39 mostrando a importância das exportações na produção e consumo total.
- (4) Manchester (1933) e Graham (1968).
- (5) À escala mundial devemos ressaltar que a hegemonia inglesa reduz-se no plano econômico entre 1850 e 1913 em termos de investimento e comércio internacional, transporte marítimo e produção industrial, em virtude da ascensão de outras economias avançadas, principalmente os EUA e a Alemanha, a partir do último quartel do século XIX. Cf. Saul (1960), cap. 2, Landes (1969), cap. 5 e Ashworth (1952), cap. 6. No plano político-militar a posição hegemônica que a Inglaterra ocupava dentro do sistema de balanço de poder

centrado na Europa começa a reduzir-se entre 1895 e 1905 com a própria alteração deste sistema em virtude da expansão imperialista dos EUA e do Japão, principalmente no Pacífico e Extremo Oriente. Cf. Barraclough (1964), cap. 4.

(6) Segundo Sideri (1970) "Considerado numa perspectiva mais ampla, o tratado de Methuen provou ser não menos o resultado da situação criada pelos tratados de 1642/61 do que foi a 'origem' da 'dependência' de Portugal com relação à Inglaterra", p. 42. Cf. Manchester (1933), p. 265.

(7) Ver dados em AEB (1939), p. 1369, Mitchell and Deane (1962), p. 283-4 e Tabela e do nosso estudo.

(8) Uma discussão sucinta das causas da depressão inglesa da segunda metade dos anos 70 é encontrada em Lewis (1978), pp. 37-8.

(9) Cf. Platt (1972), p. 255.

(10) Ibid, cap. 9.

(11) Em 1904 o mercado americano absorveu 50,4% das exportações brasileiras. Cf. AEB (1939), p. 1368.

(12) Cf. Saul (1960), p. 38, Manchester (1933), p. 279 e segs. e; Platt (1972), caps. 1 e 11.

(13) Esta taxa de crescimento refere-se às exportações 'cif'. A taxa média de crescimento anual das exportações 'fob' foi de 2,8%, refletindo o decréscimo do custo de frete no período em análise. As taxas de crescimento usadas nos próximos parágrafos referem-se às taxas 'cif', tendo-se em mente que as taxas 'fob' tendem a ser geralmente 0,1% maiores do que as taxas 'cif'.

(14) Cf. Platt (1972), p. 252.

(15) Ibid. p. 257.

(16) A invenção do pneumático de borracha por Dunlop em 1888 veio acelerar a demanda por borracha natural. Desenvolveu-se também o uso de prensas automáticas, máquinas de extrusão e a de fazer tubos. Cf. Landes (1969), p. 270.

(17) A exceção teria sido no período colonial, primeira e segunda década do século XIX, quando o Brasil chegou a ser responsável por cerca de 30% do algodão consumido na Inglaterra, novamente como resultado da quebra do fornecimento norte-americano. Ver Platt (1972), p. 256. E, naturalmente, borracha, cuja exportação brasileira, apesar da competição proveniente de áreas do império britânico (e.g. Malásia) ainda respondia por cerca de 1/4 das importações inglesas em 1913. Cf. Platt (1972), p. 274.

(18) Dentre 11 produtos primários somente arroz e cacau tiveram reduções nos seus preços internacionais entre 1899 e 1913 (cacau - 3%, arroz - 9%); Cf. Lewis (1978), p. 189.

(19) Cf. Batista Jr. (1980), p. 207.

(20) Cf. Lewis (1978), p. 280.

(21) Ver Apêndice 8.3 para uma explicação acerca da metodologia empregada no cálculo dos Índices.

(22) Cf. Aldcroft and Richardson (1969), p. 25.

(23) Na realidade os Índices referem-se a valores unitários. Ver Apêndice 8.3.

(24) Cf. Lewis (1978), p. 69 e segs. Ver Landes (1969), p. 242 sobre os desenvolvimentos tecnológicos ocorridos que acarretaram a redução de preços.

(25) Na medida em que o nosso 'Índice de preços' de exportação é na realidade, um índice de valor unitário 'cif', os Índices reais de preços de exportação teriam tido uma tendência de maior redução no período 1873-95 devido à redução dos fretes. Neste mesmo período de 22 anos as taxas de fretes e seguros teriam se reduzido de 3% se considerarmos as médias dos períodos 1870-4 e 1895-9 (ver Apêndice 8.1 para uma discussão desta estimativa); e não nos parece que teria ocorrido uma mudança significativa se compararmos os anos de 1873 e 1895, quando os custos de transporte, seguro, corretagem, etc. teriam correspondido a 20% do valor 'cif' do fluxo de mercadorias.

(26) Cf. Haddad (1974), p. 6 e Villela e Suzigan (1973) p. 441.

- (27) Cf. Stein (1957), cap. 8 e Platt (1972), p. 184.
- (28) Os valores de importação de fios de algodão da Inglaterra representaram sempre uma fração pequena do valor da importação de tecidos de algodão: 1900 = 6%, 1909 = 3%.
- (29) Ver Apêndice 8.3 para uma explicação acerca da metodologia empregada no cálculo dos índices.
- (30) Cf. Castro (1978), Tabela-Matriz, p. 6.
- (31) Cf. Versiani e Versiani (1978), pp. 128-31 e Villela e Suzigan (1973), pp. 117-33.
- (32) Cf. AEB (1908-12), vol. II, p. 124 e Fishlow (1972), p. 10.
- (33) No período 1850-1865 os preços por atacado aumentaram de 18,9% na França, 27,1% na Alemanha e 36,5% na Inglaterra. Cf. Mitchell e Deane (1962), p. 474 e Mitchell (1975), p. 736-7.
- (34) Mitchell and Deane (1962), p. 474.

- (35) Cf. Lewis (1978) cap. 3, principalmente pp. 80-87. Uma interpretação distinta do período 1873-1896 é encontrada em Dobb (1963) pp. 366-382.
- (36) Cf. Aldcroft and Richardson (1969) dados da Tabela 13 p. 71, com os dados da Tabela 7 do nosso estudo.
- (37) Cf. Spraos (1980).
- (38) Cf. Prebisch (1949) e Singer (1950).
- (39) Este é um procedimento usual utilizado para o cálculo dos termos de troca internacionais dada a posição hegemônica da Inglaterra no comércio internacional durante o século XIX e a ausência de dados para outros países. Cf. Prebisch (1949) e Lewis (1952).
- (40) O Índice de preços de exportação do Brasil é do tipo Paasche, direto. Este índice foi calculado com preços (valores unitários) em libras esterlinas e, inclui os seguintes produtos : café , algodão ,

açúcar, cacau e fumo. A cobertura deste índice é de 1850 = 82%, 1880 = 78%, 1913 = 71%. Como uma "proxy" para os preços de importação utilizamos o índice de preços de produtos importados da Inglaterra pelo Brasil. Este índice de preços de importação é um índice Paasche, implícito, e foi calculado com preços (valores unitários) em libras esterlinas, tendo base móvel. Para detalhes acerca da natureza dos dados, metodologia de cálculo e cobertura deste índice de importação ver Apêndices.

8. Apêndice Metodológico

8.1. Participação dos Principais Parceiros Comerciais do Brasil no seu Comércio Exterior.

Os dados do UK Statistical Abstract from the Principal and other Foreign Countries referem-se a valores de importação (cif) provenientes do Brasil em valores correntes nas moedas nacionais. Assim, convertimos estes valores para libra esterlina usando as taxas cambiais vigentes em 1913 (4.87\$, 19.96 DM, 25,23 FF), em seguida transformamos estes valores "cif" em valores "fob" usando-se uma estimativa do coeficiente FOB/CIF. Para cada período entre 1865 e 1900 calculamos o coeficiente FOB/CIF da seguinte forma: os coeficientes de frete usados para o período 1887-1900 são aqueles encontrados em North (1958) pp.550-1 (South American Factor-frete de trigo Londres-Paramã); para os períodos anteriores usamos o fator de frete médio para o Báltico, Mar Negro e Costa Leste dos EUA acrescido de 7,5%, na medida em que verifi-

camos que para o período 1887-1913 a diferença entre o fator de frete médio para estas três regiões eo South American factor' apresentava uma média de 7,6% e uma mediana de 7,5%. Este procedimento é o mesmo empregado por Minick (1967) pp. 149-55. O coeficiente de seguros, corretagem, comissões e etc empregado foi 2,5% para o período 1865-79, 2,25% para 1880-92 e 2,0% para 1983-1900, seguindo o procedimento adotado por Imlah (1958) pp.48. Para os anos do século XX usamos o coeficiente FOB/CIF efetivo encontrado nas estatísticas brasileiras. Ao transformarmos os valores cif em valores 'fob' usando as estimativas do coeficiente FOB/CIF calculado seguindo os procedimentos acima estamos naturalmente trabalhando com as seguintes hipóteses: igualdade dos coeficientes FOB/CIF para todos os países e, os coeficientes FOB/CIF para as importações provenientes do Brasil são idênticos aos das importações brasileiras. Como o objetivo das tabelas 1 é mostrar as tendências das participações dos principais parceiros comerciais do Brasil, achamos que embora devamos ter em mente as limitações dos nossos dados, os procedimentos e hipóteses adotados não invalidam o exercício de cálculo.

Para o cálculo de participação dos principais parceiros comerciais do Brasil nas importações brasileiras, estimamos o valor FOB destas importações usando os coeficientes médios FOB/CIF estimados seguindo os procedimentos acima para o período 1865-1900. Para os anos do século XX os coeficientes médios FOB/CIF efetivos são encontrados nas estatísticas brasileiras (AEB 1949 p.354).

8.2. Os Dados de Comércio Exterior do Reino Unido

Os dados de valor (cif) das importações e valor (fob) das exportações do Reino Unido (RU) são apresentados para o período 1853-1884 em UK Trade and Navigation Accounts nos Parliamentary Papers e a partir de 1885 em Annual Statement of Overseas Trade of the UK. Nestas publicações encontramos também dados referentes a quantidades. As tabelas incluem dados relativos a mercadorias do RU, e mercadorias estrangeiras e das colônias. No nosso estudo usamos somente os dados referentes ao comércio de mercadorias estrangeiras e das colônias re-exportadas pela Inglaterra.

Para 1908 e anos anteriores os dados de importação foram classificados segundo os países de onde os produtos eram embarcados diretamente para o RU, e exportações para países sem portos foram creditadas para o país através do qual os produtos eram embarcados. A partir de 1909 as importações foram classificadas segundo o país de consignação, i.e., se uma firma do país B compra um produto do país A e exporta este produto para o RU, o crédito de exportação nas estatísticas do RU será para o país B, que não é o país de origem do produto. No caso das exportações, estas foram classificadas, segundo o 'destino final'. Estas alterações apresentam diferenças principalmente nos casos: (a) importações e exportações de países que não possuem portos, tais como Suíça, Bolívia, Uganda etc; (b) importações consignadas para o RU de um país mas embarcadas em porto de um outro país, como ocorria por exemplo com mercadorias francesas e por-

tos belgas; e mercadorias alemãs e portos holandeses. Conforme podemos constatar estas mudanças de classificação parecem não afetar uma comparação das estatísticas do comércio bilateral Brasil-Reino Unido antes e depois de 1909.

No que se refere aos valores e quantidades importadas e exportadas temos que até 1869 os preços eram informados por "dealers", enquanto as quantidades eram registradas na Alfândega. A partir deste ano tanto preço como quantidade eram declaradas por importadores e exportadores.

Finalmente, vale ressaltar que nas estatísticas inglesas de comércio exterior não se incluía ouro e prata; navios e barcos só começaram a ser incluídos a partir de 1903, além de ser incompleto o registro de pedras preciosas.

8.3. Índices de Quantidade e Preço

Os dados encontrados no UK Trade and Navigation Accounts e no Annual Statement of Overseas Trade of the UK referem-se a valores de importação (cif), valores de exportação e quantidades de produtos importados e exportados pela Inglaterra. Para o cálculo dos índices utilizamos valores unitários no lugar de preços. Este procedimento leva a uma menor exatidão sempre que as classes das mercadorias apresentarem um menor grau de homogeneidade.

Outro problema surge na medida em que os valores unitários dos produtos exportados pelo Brasil incluem o custo unitário de frete, seguro, corretagem e comissão geralmente pagos pelo importador inglês. Isto significa que tendo o custo de transporte apresentado uma tendência de redução durante o século XIX,

e sendo o nosso índice de preços (valores unitários) calculado de forma implícita - fórmula de Paasche, os índices de valores unitários tendem a incorporar uma tendência a superestimar os índices 'efetivos' de valores unitários.

Fórmulas e Anos Bases

No que se refere à seleção da fórmula a ser adotada para o cálculo dos índices, optamos pela fórmula de Laspeyre para o cálculo do índice de quantidade. O índice de preços é derivado de forma implícita, através da divisão do índice de valor nominal pelo índice de quantidade de Laspeyre. Este procedimento implica em que o índice de preços será do tipo Paasche.

O índice de quantidade foi calculado com bases móveis em virtude das mudanças na composição das pautas de exportação e importação. Os anos escolhidos para base foram: 1860, 1872, 1887 e 1905. Na escolha destes anos tentamos seguir o critério da "normalidade"; ocorre que a definição de um ano "normal" é uma tarefa difícil pois vai depender do indicador utilizado ou a ótica sob a qual se enfoca o processo econômico. Além disto, no caso da economia brasileira para a qual inexistem dados de crescimento da renda nacional, produção industrial e outros agregados econômicos, para a segunda metade do século XIX fica ainda mais difícil a escolha de anos "normais". Tendo em mente estas dificuldades, tentamos escolher anos "normais" através da análise de séries de exportação e taxa cambial do Brasil, assim como a evolução da renda nacional e produção industrial inglesa.

Procedimentos

O procedimento para o cálculo dos índices de quantidade e preços de exportação foi simples. Calcula-se o

índices de quantidade para cada um dos quatro sub-períodos e, em seguida, encadeando-se os índices, encontramos a série de índice de quantidade. Dividindo-se a série de índice de valor nominal exportado pela série de índice de quantidade encontramos o índice de preços.

Para o cálculo do índice de quantidade de importação dividimos os produtos em três grupos: bens de consumo, intermediário e de capital. Para os dois primeiros calculamos índices de quantidade de Laspeyre para cada sub-período e, em seguida, encadeamos estas séries para encontrar séries para todo o período 1850-1913. No que se refere aos bens de capital tínhamos dois problemas: (a) só dispunhamos de dados de valor importado, dados de quantidade não eram disponíveis; (b) dados de valor eram disponíveis desde 1869 para maquinaria, dados para equipamento telegráfico e de telefone só começaram a ser apresentados em 1869, enquanto que dados para implementos e ferramentas e equipamentos para estrada de ferro só aparecem a partir de 1883. Este último problema nos levou a trabalhar com um índice de valor total importado de bens de capital em cada sub-período. O problema (a) nos levou a calcular um índice de preços que seria utilizado para calcularmos um índice de valor real importado de bens de capital. O índice de preços para bens de capital usado foi o deflator implícito da formação bruta de capital fixo do Reino Unido apresentado por Feinstein (1964) para o período 1854-1913, para o período 1850-4 usamos o deflator implícito da formação de capital calculado por Deane (1962). Dividindo-se o índice de valor nominal pelo índice de preços encontramos o índice de valor real importado

de bens de capital importado.

Com os índices de quantidade para bens de consumo, in-
termediários e bens de capital calculamos o índice de quantidade
de importação através da ponderação dos índices de quantidade aci-
ma. Os pesos utilizados foram baseados na participação de cada gru-
po de produtos no valor total das importações. Os pesos utilizados
foram os seguintes:

Período	Bens de Consumo	Bens Intermediários	Bens de Capital
1850-59	82	16	2
1860-69	83	15	2
1870-79	74	20	6
1880-89	71	21	8
1890-99	60	28	12
1900-09	53	35	12
1910-13	47	35	18

O índice de preços (implícito) foi calculado através
da divisão do índice de valor nominal de importação pelo índice
de quantidade calculado segundo o procedimento apresentado acima.

Cobertura

Os produtos de exportação do Brasil usados para o cálcu-
lo dos índices foram: borracha, café, cacau, algodão, couro, açú-
car não-refinado e semente de algodão. Este último somente a
partir de 1883. A cobertura destes produtos oscilou em torno de
90%.

No que se refere aos produtos de importação temos os se-
guintes produtos que foram usados para o cálculo dos índices: a)
produtos intermediários: soda, carvão e combustíveis, ferro, cobre,
chumbo, óleo de linhaça, cimento, barbante, fios de juta, manufa-
tura de juta; b) bens de consumo: tecidos de algodão, linho, lã
e fios de algodão. Estes produtos representaram cerca de 70% do
valor importado entre 1850 e meados dos anos 80. A cobertura das
importações cai para pouco mais de 50% no final do período em aná-
lise. Se nós incluirmos os bens de capital (maquinaria a vapor e ou-
tras, equipamento para estradas de ferro, implementos e ferramentas) a cobertura
das importações fica em torno de 70% durante todo o período 1850-
1913.

Comércio Anglo-Brasileiro. Cobertura do Índice de Quantidade de
Exportação e Importação.

(em percentagem)

Anos	Exportações Brasileiras	Importações	Brasileiras (b)
1854	86.5	74.8	75.8
1860 (a)	87.7	74.6	76.7
1872 (a)	95.1	72.3	75.5
1880	91.6	71.0	75.9
1887 (a)	93.4	66.0	75.1
1905 (a)	92.4	60.4	73.3
1913	95.5	52.8	69.5

NOTA

(a) Ano base

(b) Incluindo bens de capital.

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS SEGUNDO O PAÍS DE DESTINO
1852/3 - 1922 (EM PORCENTAGEM)

	INGLATERRA	E.U.A.	ALCHACHIA	FRANÇA	OUTROS	TOTAL
1852/53	35.5	32.4	5.0	6.1	21.0	100.0
1862/63	37.8	32.5	4.1	17.6	32.0	100.0
1865/69	35.3	33.4	n.d.	10.7	34.2	100.0
1870/74	31.6	29.5	7.4 ⁸	8.4	22.5	100.0
1875/79	22.4	34.4	n.d.	8.6	34.6	100.0
1880/84	25.4	44.4	n.d.	9.2	20.8	100.0
1885/89	19.0	42.4	4.8 ⁸	9.6	24.0	100.0
1890/94	11.6	46.3	16.1	9.4	13.6	100.0
1895/99	12.1	42.1	15.1	9.2	21.5	100.0
1900/04	13.7	32.9	14.4	7.5	31.5	100.0
1905/09	14.9	30.4	12.2	7.7	34.6	100.0
1910/13	15.0	29.2	10.4	9.1	28.0	100.0

NOTAS: ACS 1929 pp. 138-9, e UN Statistical Abstract for the Principal and Other Foreign Countries, diversos números.

NOTAS: Sobre a metodologia de cômulo ver Apêndice 8.1
a) Referência a 1872/3.

b) Somente a partir de 1889 alguns centros comerciais importantes foram incluídos no Zollverein (União Aduaneira)

(n.d.) não disponível.

DISTRIBUIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES (FOB) BRASILEIRAS SEGUNDO O PAÍS DE ORIGEM, 1852/3 - 1913 (EM PORCENTAGEM)

	INGLATERRA	E.U.A.	ALEMANHA	FRANÇA	OUTROS	TOTAL
1852/53 ^a	53.3	8.5	5.9	13.5	18.8	100.0
1862/63 ^b	51.2	6.1	3.4	18.5	18.0	100.0
1865/69	55.8	10.8	n.d.	25.1	8.3	100.0
1870/74	54.4	11.1	6.0 ⁸	21.1	4.6	100.0
1875/79	43.8	11.7	n.d.	21.0	23.5	100.0
1880/84	46.8	12.9	n.d.	19.1	21.2	100.0
1885/89	38.2	10.0	7.5 ⁴	15.6	28.7	100.0
1890/94	36.4	12.7	13.1	15.1	22.7	100.0
1895/99	29.6	13.0	13.4	12.4	31.6	100.0
1900/04	27.1	11.6	11.6	7.5	42.0	100.0
1905/09	27.0	11.3	14.5	6.9	40.5	100.0
1910/13	27.2	13.4	17.2	6.8	35.4	100.0

NOTAS: As mesmas da Tabela 1

NOTAS: Sobre a metodologia de cômulo ver Apêndice 8.1.

a) Referência às importações CIF do Brasil.

b) Referência a 1872/3

c) Inclui reexportação e a partir de 1869 incluir ouro e prata.

d) Somente a partir de 1889 alguns centros comerciais importantes foram incluídos no Zollverein.

(n.d.) não disponível.

TABELA 3

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO BILATERAL ANGLO-BRASILEIRO: 1850 - 1914
(VALORES EM £ 1000)

A. N. O.	EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A INGLATERRA		IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA		SALDO COMERCIAL (B-C)
	(A.)	(B.)	(C.)	(D.)	
1850	nd	nd	2545	nd	nd
1851	nd	nd	3519	nd	nd
1852	nd	nd	3464	nd	nd
1853	nd	nd	3186	nd	nd
1854	2084	1621	2882	- 1277	- 1277
1855	2774	1837	3313	- 1476	- 1476
1856	2229	1819	4085	- 2266	- 2266
1857	3592	2844	5542	- 2698	- 2698
1858	2376	3021	3985	- 2164	- 2164
1859	2829	2260	3486	- 1426	- 1426
1860	2289	1795	4447	- 2652	- 2652
1861	3632	2074	4522	- 2478	- 2478
1862	4414	3509	3736	- 227	- 227
1863	4491	3516	3964	- 448	- 448
1864	7021	5547	6249	- 702	- 702
1865	6787	5417	5655	- 238	- 238
1866	7238	5834	7225	- 1301	- 1301
1867	5902	4761	5495	- 914	- 914
1868	7456	6151	5352	799	799
1869	7313	5828	6965	- 1137	- 1137

TABELA 2 (CONTINUAÇÃO)

A. N. O.	EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A INGLATERRA		IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA		SALDO COMERCIAL (B-C)
	(A.)	(B.)	(C.)	(D.)	
1870	6127	4797	5367	- 570	- 570
1871	6693	5341	6274	- 933	- 933
1872	9450	7464	7520	144	144
1873	7400	5913	7545	- 1632	- 1632
1874	7003	5651	7679	- 2028	- 2028
1875	7419	5913	6870	- 957	- 957
1876	5178	4094	5920	- 1824	- 1824
1877	6345	5178	5959	- 781	- 781
1878	4653	3753	5578	- 1025	- 1025
1879	4750	3876	5485	- 1809	- 1809
1880	5261	4465	4682	- 2217	- 2217
1881	6340	5400	4854	- 1356	- 1356
1882	6482	5340	6876	- 1401	- 1401
1883	6139	5247	6648	- 2430	- 2430
1884	4701	4042	4472	- 1853	- 1853
1885	4085	3496	5349	- 3104	- 3104
1886	3461	2965	6049	- 1140	- 1140
1887	5379	4684	5824	- 1717	- 1717
1888	5207	4539	6254	- 1598	- 1598
1889	5071	4274	6332	- 3797	- 3797
1890	4351	3662	7459	- 4155	- 4155
1891	4250	3535	8250	- 4992	- 4992
1892	3512	2918	7910	- 3989	- 3989
1893	4634	3866	7775	- 4422	- 4422
1894	3940	3105	7527	- 4433	- 4433
1895	3614	2891	7324	- 4433	- 4433

TABELA 3 (CONTINUAÇÃO)

A. M. O.	EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A INGLATERRA		IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA	BALDO COMERCIAL
	'CIF' (A)	'FOB' (B)		
1896	4054	3177	6664	- 3207
1897	3736	3299	5431	- 2132
1898	4602	3939	4194	- 2397
1899	3960	3057	5390	- 2333
1900	5947	4720	5020	- 1092
1901	4950	4125	4152	- 27
1902	6200	5309	5390	- 1
1903	6736	5670	5606	72
1904	6328	5221	5908	- 767
1905	8109	7039	6410	421
1906	9112	7937	7643	294
1907	9756	8497	10224	- 1727
1908	6985	6252	8115	- 1062
1909	11290	10274	8471	1803
1910	17497	15852	16427	- 575
1911	10864	9756	11930	- 2102
1912	9360	7749	12658	- 4889
1913	10000	8417	12465	- 4048

NOTAS: (cont.) 1. As exportações do Brasil para a Inglaterra "CIF" correspondem aos valores dos Mercadinhos Brasileiros em partes Inglêsas segundo o "Trade and Navigation Accounts 1893-1894 in Parliamentary Papers" e "Annual Statement of Overseas Trade of The United Kingdom 1893-1914".

2. As importações do Brasil para a Inglaterra "FOB" foram calculadas a partir da exclusão de custos estimados de transporte, seguro e aplicação aos valores "CIF". Ver Apêndice 6.1 e 6.2 para uma explicação acerca da natureza dos dados e dos procedimentos adotados para conversão de valores "CIF" em valores "FOB".

(n.d.): não disponível.

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A INGLATERRA, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS
1855 - 1913 (EM PORCENTAGEM)

PRODUTO/PERÍODO	1855/9	1860/4	1865/9	1870/4	1875/9	1880/4
Borracha	4.7	6.4	6.1	11.8	17.1	25.4
Cacau	0.7	0.6	0.2	0.3	0.8	0.6
Café	5.8	6.5	5.3	8.0	15.0	14.0
Algodão, cru	27.6	45.1	60.0	43.9	22.1	19.7
Couro, cru	14.1	9.5	5.2	6.5	6.3	4.3
Sementes Algodão	-	-	-	-	-	0.3
Açúcar não refinado	37.7	24.8	10.1	24.3	32.3	28.9
Outros	9.4	7.1	4.3	5.0	5.4	7.3
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

PRODUTO/PERÍODO	1885/9	1890/4	1895/9	1900/4	1905/9	1910/4
Borracha	32.5	45.7	72.9	69.0	70.8	73.5
Cacau	0.8	1.6	1.9	1.8	1.7	2.3
Café	17.4	14.1	5.6	5.2	4.9	5.8
Algodão cru	21.4	17.6	4.7	11.9	10.0	9.7
Couro, cru	3.1	1.7	1.2	1.0	0.9	0.5
Sementes Algodão	1.4	2.5	1.2	1.7	1.6	1.9
Açúcar não refinado	15.6	6.5	4.5	1.5	2.4	2.0
Outros	7.8	10.1	8.0	7.9	7.5	4.3
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTES: Ver Tabela 3

NOTAS: Ver Apêndice 6.2 para uma discussão acerca destes dados.

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A INGLATERRA,
ÍNDICES DE VALOR, QUANTIDADE E PREÇO 1850-1913

(1866 = 100)

A. N. O.	V. A. L. O. R.	QUANTIDADE	P. R. E. Ç. O.	A. N. O.	V. A. L. O. R.	QUANTIDADE	P. R. E. Ç. O.
1850	n. d.	48.5	n. d.	1873	140.6	144.5	97.3
1851	n. d.	54.9	n. d.	1874	133.1	144.0	92.4
1852	n. d.	41.5	n. d.	1875	141.0	158.6	88.9
1853	n. d.	55.7	n. d.	1876	98.4	116.4	84.5
1854	39.6	49.9	79.4	1877	120.6	131.7	91.6
1855	43.2	53.3	83.1	1878	88.4	102.4	86.3
1856	42.4	48.5	87.4	1879	90.3	105.0	86.0
1857	66.6	64.1	103.9	1880	100.0	100.0	100.0
1858	43.3	65.2	66.4	1881	120.5	133.6	90.2
1859	53.8	60.2	89.4	1882	123.2	137.0	89.9
1860	43.1	44.5	96.9	1883	116.7	127.1	91.8
1861	50.0	62.8	79.6	1884	89.4	102.6	87.1
1862	83.9	78.8	106.5	1885	77.7	100.6	77.2
1863	85.4	78.7	106.5	1886	65.8	83.7	78.6
1864	133.5	84.0	158.9	1887	102.2	132.0	77.4
1865	129.2	99.7	129.6	1888	99.0	120.6	82.1
1866	137.6	112.7	122.1	1889	96.4	116.0	83.1
1867	112.2	112.2	100.0	1890	82.7	92.1	89.8
1868	141.8	142.6	99.4	1891	80.8	86.7	93.2
1869	139.0	129.7	107.2	1892	66.8	81.4	82.1
1870	116.5	119.7	97.3	1893	88.1	109.3	80.6
1871	127.2	141.7	89.8	1894	74.9	99.5	75.3
1872	178.6	174.0	103.2	1895	68.7	91.0	75.5
				1896	77.1	105.0	73.4
				1897	71.0	96.7	73.4
				1898	87.4	113.6	76.9

TABELA 5 (CONTINUAÇÃO)

A. N. O.	V. A. L. O. R.	QUANTIDADE	P. R. E. Ç. O.
1899	75.3	92.1	81.6
1900	113.0	131.4	86.0
1901	94.2	166.6	56.7
1902	118.0	155.9	73.8
1903	128.0	159.8	80.1
1904	118.6	176.5	93.8
1905	154.1	153.3	100.5
1906	173.2	169.7	102.1
1907	185.5	187.2	99.1
1908	132.8	160.7	82.6
1909	214.6	183.4	117.0
1910	332.6	209.6	156.7
1911	206.5	184.9	111.7
1912	177.9	201.0	88.5
1913	190.2	245.4	77.5

FONTE: Ver Tabela 3

NOTAS: Índice de Quantidade: Laspeyres, direto base móvel.

Índice de Preços: Paasche, implícito

Ver Apêndice B.3, para a discussão da metodologia de cálculo

n. d. não disponível

TABELA 6

ÍNDICES DE PREÇOS, 1873 - 1913

	1873	1895	1913
Manufaturador ^a	167.8	100.0	120.2
Primitivos ^b	177.4	100.0	139.7
Produtos Tropicais ^a	149.9	100.0	137.9
Trigo ^a	245.8	100.0	141.4
Algodão ^a	232.7	100.0	181.5
LS ^a	204.8	100.0	154.3
Café ^a	115.5	100.0	71.5
Cereais ^a	197.3	100.0	137.0
Borracha ^a	113.8	100.0	157.4
Importações Totais da Inglaterra ^a	167.7	100.0	121.2
Exportação Totais do Brasil ^a	105.0	100.0	100.0
Exportações do Brasil para a Inglaterra	128.9	100.0	102.6
Importações do Brasil provenientes da Inglaterra	164.0	100.0	106.3

FONTE: a) Lewis, (1928) pp.280/1

b) Lewis, (1922) pp.117/8.

c) IAB 1939 pp.1318

d) Ialab (1950) pp.97/8

e) Conjuntura Econômica 1948 - Ano 2, nº 5, pp.24-5

TABELA 7

DISTRIBUIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS (EM PORCENTAGEM)

	1950-4	1955-9	1960-4	1965-9	1970-4	1975-9	1980-4	1985-9
Bens de Consumo	82.4	77.4	78.7	78.1	65.8	68.1	63.2	63.9
Algodão (Fecidos e fios)	54.0	50.0	56.2	54.1	45.4	49.1	47.3	47.0
Lã	11.5	10.0	6.2	7.3	6.4	6.9	4.7	5.3
Linho	6.4	6.1	5.3	6.4	3.7	2.8	1.9	1.7
Alimentos	3.6	4.7	4.3	3.1	2.6	1.4	0.8	1.2
Louça	2.4	2.6	2.3	2.0	2.1	2.4	2.0	1.7
Outros	4.5	4.0	4.4	5.2	5.6	5.5	6.5	7.0
Bens Intermediários	13.3	14.1	13.2	15.1	20.0	20.3	22.0	21.4
Ferro	3.3	5.5	5.5	5.8	8.3	9.3	10.0	8.3
Outros Metais	1.8	2.5	2.0	1.5	1.3	1.3	1.3	1.0
Carvão	4.1	3.5	1.9	2.4	4.5	3.7	3.5	5.3
Químicos	0.3	0.4	0.4	0.3	0.4	0.4	0.3	0.4
Juta	-	-	-	0.5	1.3	1.1	2.4	2.8
Cimento	-	-	-	-	-	-	0.6	0.5
Óleo de Linhaça	0.3	0.4	0.5	0.4	0.4	0.5	0.5	0.6
Ferragens e Cutelaria	3.5	3.8	2.9	6.2	3.8	4.1	3.3	2.5
Bens de Capital	0.9	2.0	1.8	1.3	7.4	4.4	7.5	9.8
Maquinaria, Vapor	0.4	0.8	0.8	0.4	1.2	1.4	2.6	3.6
Maquinaria, Outras	0.5	1.2	1.0	0.9	2.0	2.0	3.9	4.0
Complementos e Ferramentas	-	-	-	-	-	-	0.1	1.3
Equip. para Estradas de Ferro	-	-	-	-	-	-	-	0.6
Equip. p/Telegrafo e Telefone	-	-	-	-	-	-	-	0.3
Outros não especificados	1.4	4.3	6.3	5.3	6.8	7.2	7.3	4.9

TABELA 7 (CONTINUAÇÃO)

	1990-4	1995-9	1990-4	1995-9	1990-4	1995-9
Bens de Consumo	58.3	52.3	48.6	38.2	35.4	32.4
Algodão	40.5	36.2	33.2	25.6	21.4	21.4
Lã	5.0	4.4	3.8	3.3	2.9	2.9
Linho	1.4	1.6	1.5	1.6	1.9	1.9
Alimento	1.7	1.7	1.6	0.8	1.9	1.9
Louça	1.7	1.7	1.6	1.3	1.7	1.7
Outros	6.7	6.6	3.9	2.6	2.6	2.6
Bens Intermediários	24.6	30.9	26.1	33.1	33.2	33.2
Ferro	10.1	10.8	8.8	10.9	10.8	10.8
Outros Metais	1.6	2.0	2.3	1.9	2.0	2.0
Carvão	7.0	9.4	13.9	9.9	12.4	12.4
Químicos	0.9	1.1	1.7	1.9	1.6	1.6
Juta	1.8	4.7	6.9	5.2	2.6	2.6
Cimento	0.5	0.4	0.2	0.6	1.1	1.1
Óleo de Linhaça	0.6	1.0	1.3	0.6	1.2	1.2
Ferragens e Cutelaria	1.9	1.5	1.4	1.9	1.8	1.8
Bens de Capital	13.0	19.7	12.1	14.0	16.0	16.0
Maquinaria, Vapor	1.1	1.8	1.7	1.8	0.6	0.6
Maquinaria, Outras	6.6	5.6	5.3	5.3	2.1	2.1
Complementos e Ferramentas	1.5	2.0	2.3	2.3	2.6	2.6
Equip. p/Estradas de Ferro	0.9	1.7	0.6	1.0	1.7	1.7
Equip. p/Telegrafo e Telefone	5.3	4.2	2.3	0.7	1.7	1.7
Outros não especificados	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: Ver tabela 3

Nota: a) III referente a novos barcos e navios, incluindo sua maquinaria.
b) III referente a novos barcos e navios, incluindo sua maquinaria.

TABELA 8 (CONTINUAÇÃO)

ANO	VALOR TOTAL			QUANTIDADE			PREÇO
	DEBENS DE CONSUMO	DEBENS INTERMEDIÁRIOS	TOTAL	DEBENS DE CONSUMO	DEBENS INTERMEDIÁRIOS	TOTAL	
1870	80.3	68.6	148.9	49.1	55.4	104.5	133.9
1871	81.9	78.7	160.6	54.3	61.1	115.4	130.8
1872	72.5	87.6	160.1	48.9	68.1	117.0	130.1
1873	72.9	75.2	148.1	25.5	84.8	110.3	131.0
1874	74.9	78.2	153.1	27.5	87.0	114.5	125.2
1875	82.8	89.2	172.0	18.4	75.8	94.2	139.7
1876	88.6	81.6	170.2	81.4	83.3	164.7	110.3
1877	89.2	79.5	168.7	81.9	104.7	186.6	105.4
1878	83.5	74.7	158.2	109.1	101.0	210.1	100.0
1879	85.1	90.4	175.5	71.3	130.7	202.0	91.2
1880	100.0	100.0	200.0	100.0	100.0	200.0	100.0
1881	79.6	96.1	175.7	134.1	118.6	252.7	96.0
1882	87.9	96.1	184.0	142.7	132.3	275.0	95.8
1883	79.5	87.7	167.2	112.0	126.4	238.4	96.1
1884	74.9	92.0	166.9	104.4	122.0	226.4	90.3
1885	80.1	83.9	164.0	132.8	104.0	236.8	85.6
1886	70.8	104.9	175.7	171.1	102.4	273.5	82.5
1887	87.2	93.5	180.7	155.9	91.0	246.9	88.4
1888	73.6	93.2	166.8	185.8	112.3	308.1	89.4
1889	93.3	77.7	171.0	184.2	114.2	308.4	94.6
1890	111.4	91.8	203.2	232.7	173.8	406.5	85.5
1891	74.1	82.0	156.1	142.3	174.6	316.9	80.8
1892	118.4	117.3	235.7	149.9	120.0	269.9	79.4
1893	116.4	112.4	228.8	102.2	124.8	227.0	81.6
1894	127.6	101.4	229.0	161.8	140.8	302.6	65.4
1895	89.6	87.8	177.4	131.6	154.0	285.6	79.9

TABELA 8

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA: ÍNDICES DE VALOR, QUANTIDADE E PREÇOS 1850-1923 (1880=100)

ANO	VALOR TOTAL			QUANTIDADE			PREÇO
	DEBENS DE CONSUMO	DEBENS INTERMEDIÁRIOS	TOTAL	DEBENS DE CONSUMO	DEBENS INTERMEDIÁRIOS	TOTAL	
1850	36.1	47.6	83.7	12.4	19.2	31.6	89.3
1851	52.7	69.1	121.8	10.2	21.7	31.9	87.3
1852	51.9	67.1	119.0	8.1	23.9	32.0	88.0
1853	47.7	57.5	105.2	13.3	21.1	34.4	93.7
1854	43.3	50.6	93.9	9.7	25.9	35.6	94.5
1855	49.6	61.1	110.7	15.6	31.9	47.5	89.4
1856	61.1	75.6	136.7	16.7	40.6	57.3	88.8
1857	82.9	93.5	176.4	36.4	38.9	75.3	99.2
1858	59.6	61.5	121.1	37.2	57.0	94.2	104.6
1859	55.2	52.7	107.9	35.7	40.9	76.6	109.5
1860	66.6	70.4	137.0	32.3	54.8	87.1	99.1
1861	68.1	75.4	143.5	30.6	45.9	76.5	97.1
1862	55.9	49.2	105.1	40.2	39.7	80.0	117.4
1863	59.3	55.6	114.9	10.7	37.4	48.1	113.6
1864	53.5	70.0	123.5	70.3	48.3	118.6	142.1
1865	64.6	60.7	125.3	24.5	45.8	70.3	146.4
1866	108.1	86.6	194.7	76.4	48.1	124.5	139.8
1867	65.2	72.9	138.1	19.5	48.3	67.8	113.0
1868	80.1	74.5	154.6	31.5	54.3	85.8	117.0
1869	104.2	105.5	209.7	37.8	54.1	91.9	107.9

TABELA 6 (CONTINUAÇÃO)

ANO	QUARTILIDADE					
	VALOR TOTAL	ÍNDICE DE RECURSOS	BENS INTER MEDIANOS	BENS DE CAPITAL TOTAL	PREÇO	
1896	93.7	74.7	165.8	280.7	124.9	79.8
1897	81.3	50.5	171.6	194.2	106.5	76.3
1898	92.7	97.2	175.6	160.7	120.8	76.7
1899	80.7	58.3	140.5	169.1	94.6	85.3
1900	87.1	47.8	116.5	235.5	94.4	92.3
1901	82.1	31.6	115.4	117.7	71.3	87.1
1902	80.7	55.8	167.1	154.3	99.6	81.0
1903	93.9	64.0	131.7	151.5	98.2	85.4
1904	89.7	58.6	137.6	187.9	101.8	88.1
1905	99.0	56.8	163.4	231.6	115.1	86.0
1906	116.4	53.4	186.3	248.6	123.3	92.8
1907	153.0	62.3	233.7	400.6	162.9	93.9
1908	221.5	40.3	212.4	387.7	142.2	85.4
1909	126.8	41.0	217.6	431.0	149.6	84.8
1910	174.1	69.5	267.0	464.8	209.9	82.9
1911	178.7	71.9	256.7	540.1	220.8	86.9
1912	189.4	59.0	278.3	553.7	224.8	84.3
1913	186.6	47.3	263.1	585.8	219.7	84.9

FONTE: Ver Tabela 3

NOTAS: Índice de Quantidade; Logaritmo base e=1

Índice de Preço; Preço Implícito
Para o cálculo do Índice de Valor de 1910 excluiu-se o valor de 5,3 milhões referente à importação de artigos e barcos, e acrescentamos o valor de 1 bilhão referente à média desta mesma importação no período 1900-1913.

A variação no câmbio dos índices é discutida no Apêndice B.3.

(*) Índice de valor real. Ver Apêndice.

TABELA 7

IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVINDENTES DA INGLETERRA
1850-1913. ÍNDICES DE QUANTIDADE, PREÇOS DE ALGODÃO,
FERRO E MÁQUINAS (1900=100)

A.N.O	ÍNDICES DE QUANTIDADE		PREÇOS	
	ALGODÃO	FERRO	ALGODÃO	MÁQUINAS (*)
1850	44.2	15.3		14.6
1851	57.7	16.8		12.1
1852	53.3	21.1		9.5
1853	50.1	19.0		15.7
1854	44.4	17.4		11.4
1855	53.6	22.9		18.2
1856	66.3	42.3		19.7
1857	78.0	35.8		42.9
1858	53.6	34.5		41.9
1859	46.5	32.8		42.1
1860	67.0	52.7		37.9
1861	72.2	46.7		36.1
1862	46.3	38.5		47.3
1863	39.4	31.5		22.1
1864	62.9	49.3		23.8
1865	49.3	38.0		28.8
1866	73.2	29.1		31.0
1867	63.6	37.7		22.9
1868	65.6	39.4		37.1
1869	93.9	58.8		32.7

TABELA 8 (CONTINUAÇÃO)

A. N. O	ÍNDICES DE QUANTIDADE		PREÇOS	
	ALGODÃO	FERRO	ALGODÃO	MÁQUINAS
1870	63.5	47.4		58.0
1871	70.9	88.0		57.9
1872	79.7	90.7		74.5
1873	68.3	79.2		98.3
1874	74.1	84.5		80.3
1875	84.7	69.9		69.6
1876	76.9	84.5		69.9
1877	76.1	139.9		64.5
1878	72.9	118.8		84.0
1879	87.2	143.2		76.0
1880	100.0	100.0		100.0
1881	95.7	138.4		146.1
1882	94.9	154.4		150.2
1883	67.9	131.6		135.2
1884	89.7	137.8		201.1
1885	81.5	92.0		163.1
1886	103.4	90.6		179.9
1887	92.4	70.4		169.1
1888	92.2	96.4		191.6
1889	76.4	125.5		179.9
1890	91.2	198.1		224.5
1891	80.0	184.2		393.1
1892	119.6	115.5		276.5
1893	114.0	107.4		281.0
1894	97.7	100.9		228.9
1895	63.4	139.3		231.6
1896	71.5	157.9		229.6

TABELA 9 (CONTINUAÇÃO)

A. N. O	ÍNDICES DE QUANTIDADE		PREÇOS	
	ALGODÃO	FERRO	ALGODÃO	MÁQUINAS
1897	57.9	131.8		115.7
1898	89.4	152.7		272.7
1899	56.9	99.3		121.5
1900	48.0	71.0		121.3
1901	30.1	52.8		82.4
1902	55.0	92.4		98.4
1903	45.4	72.4		116.5
1904	57.8	86.1		148.4
1905	56.4	130.8		227.3
1906	53.3	128.2		188.4
1907	61.7	198.5		284.2
1908	37.6	169.1		266.7
1909	38.9	196.0		313.1
1910	66.6	241.3		311.1
1911	68.7	201.3		372.8
1912	54.5	250.9		436.2
1913	41.4	210.5		394.2

FONTE: Ver Tabela 3.

NOTAS: Índice de Quantidade de tecidos de algodão em jardas e ferro em toneladas. O Índice de Preço de tecidos de algodão e de máquinas foi calculado a partir do deflacionado do índice de preços elaborado de acordo com o índice de preços implícito de formação de preços formais 1900=100 e deflator implícito de formação de preços implícito de formação de preços formais 1900=100. O Índice de Preço de tecidos de algodão e de máquinas foi calculado a partir do deflacionado do índice de preços implícito de formação de preços formais 1900=100 e deflator implícito de formação de preços implícito de formação de preços formais 1900=100. O Índice de Preço de tecidos de algodão e de máquinas foi calculado a partir do deflacionado do índice de preços implícito de formação de preços formais 1900=100 e deflator implícito de formação de preços implícito de formação de preços formais 1900=100. O Índice de Preço de tecidos de algodão e de máquinas foi calculado a partir do deflacionado do índice de preços implícito de formação de preços formais 1900=100 e deflator implícito de formação de preços implícito de formação de preços formais 1900=100.

(*) Índice de valor real. Ver Apêndice.

COEFICIENTE DE TROCA ANGLO-BRASILEIRO. TERMOS DE TROCA E CAPACIDADE PARA IMPORTAR DO BRASIL 1854 - 1913

A. N. O.	TERMOS DE TROCA		CAPACIDADE PARA IMPORTAR		TERMOS DE TROCA	CAPACIDADE PARA IMPORTAR	
	(Px/Pm)	(Px/Pm)	(Px/Pm)	(Px/Pm)		(Px/Pm)	(Px/Pm)
1854	84.0	41.9			1876	74.7	89.3
1855	90.7	46.3			1877	86.9	114.4
1856	96.4	47.7			1878	86.3	88.4
1857	104.7	67.1			1879	94.3	99.0
1858	63.5	41.4			1880	100.0	100.0
1859	81.6	49.1			1881	94.0	175.6
1860	97.8	43.5			1882	93.8	128.5
1861	82.0	51.5			1883	95.5	121.4
1862	90.7	71.5			1884	96.5	99.0
1863	95.5	75.2			1885	90.2	90.7
1864	111.8	93.9			1886	95.3	79.8
1865	88.5	88.2			1887	87.6	115.6
1866	89.9	101.3			1888	91.8	110.7
1867	81.0	90.9			1889	88.0	102.1
1868	88.8	126.6			1890	105.0	96.7
1869	99.4	128.9			1891	115.3	100.0
1870	78.5	94.0			1892	103.4	84.2
1871	74.3	105.3			1893	96.4	105.4
1872	79.3	138.0			1894	88.0	87.6
1873	74.3	187.4			1895	94.5	86.0
1874	73.8	106.3			1896	92.0	96.6
1875	74.3	117.8			1897	96.2	93.0
					1898	100.3	113.9
					1899	95.9	88.3
					1900	93.2	122.5
					1901	65.1	108.1

TABELA 10 (CONTINUAÇÃO)

A. N. O.	TERMOS DE TROCA		CAPACIDADE PARA IMPORTAR	
	(Px/Pm)	(Px/Pm)	(Px/Pm)	(Px/Pm)
1902	91.1	145.7		
1903	93.8	145.9		
1904	106.5	134.7		
1905	116.9	179.2		
1906	110.0	186.7		
1907	105.5	197.5		
1908	96.7	155.4		
1909	138.0	253.1		
1910	191.4	401.2		
1911	138.1	255.3		
1912	105.0	211.1		
1913	91.2	223.8		

Fontes: Ver Tabela 3

Notas: Ver Apêndice B.3

TABELA 11

TERMOS DE TROCA. EQUAÇÃO DE TENDÊNCIA LINEAR: 1870-1913

	COEFICIENTE		R ²
	LINEAR	ANGULAR	
a. Produtos Primários/ Produtos Manufaturados	168.0	- 2.202	- 0.207
b. Inglaterra/Resto do Mundo	103.0	+ 0.247	+ 0.535
c. Brasil - Inglaterra	75.5	+ 0.950	+ 0.590
d. Brasil - Resto do Mundo	71.0	+ 0.292	+ 0.174

Notas e Fontes: a) Lewis (1932) pp.117-8

b) Imah (1938) pp. 97-8

c) Preços das exportações do Brasil para a Inglaterra e frações das importações do Brasil provenientes da Inglaterra.

d) Preços das exportações total do Brasil/Preços das importações do Brasil provenientes da Inglaterra. Conjectura Econômica 1948.

TERMO DE TROCA E CAPACIDADE PARA IMPORTAR DO BRASIL
1850-1913 (1880=100)

ANO	TERMO DE TROCA	CAPACIDADE PARA IMPORTAR
1850	59,0	33,4
1851	59,6	47,0
1852	60,2	46,4
1853	55,5	45,4
1854	65,6	48,8
1855	61,5	59,1
1856	69,8	61,7
1857	65,5	67,0
1858	66,9	51,5
1859	60,3	52,5
1860	74,7	60,1
1861	72,1	68,9
1862	64,7	55,4
1863	74,8	59,7
1864	76,0	53,0
1865	63,5	54,3
1866	67,7	60,9
1867	61,5	64,6
1868	62,5	78,2
1869	51,0	67,2
1870	54,9	63,0
1871	48,8	64,6

ANO	TERMO DE TROCA	CAPACIDADE PARA IMPORTAR
1872	48,4	74,2
1873	67,9	86,4
1874	75,9	83,2
1875	72,7	94,6
1876	86,3	95,5
1877	82,5	98,7
1878	77,0	96,3
1879	78,9	108,1
1880	100,0	100,0
1881	88,5	111,9
1882	71,0	100,9
1883	49,9	91,4
1884	67,6	109,1
1885	64,3	115,2
1886	61,8	92,6
1887	66,7	117,2
1888	92,8	122,7
1889	96,4	152,9
1890	105,3	155,9
1891	105,2	169,7
1892	105,8	196,3
1893	119,6	193,4
1894	108,6	180,0
1895	106,4	206,1
1896	95,2	179,4
1897	66,8	171,4
1898	58,7	164,8

TABELA 12 (CONTINUAÇÃO)

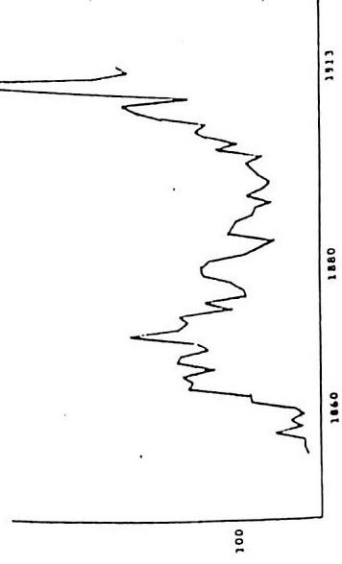
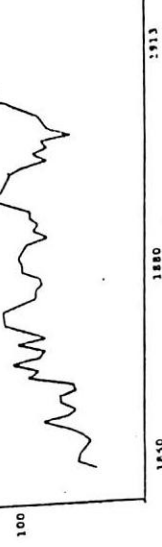
ANO	TERMO DE TROCA	CAPACIDADE PARA IMPORTAR
1899	51,6	151,3
1900	63,9	181,6
1901	56,3	235,7
1902	54,3	227,3
1903	50,4	218,3
1904	62,4	226,2
1905	64,0	262,3
1906	57,1	288,9
1907	56,4	291,6
1908	64,4	261,2
1909	77,8	379,7
1910	90,5	384,6
1911	117,4	417,6
1912	122,2	447,4
1913	100,1	389,5

FONTE: IBR (1939), p. 1358; Conjuntura Econômica 1948, ano 2, nº 5, pp. 5; Tabela 6.

NOTAS: TI = Índice de Paridade direto das exportações/Índice de Paridade implícito de importações.

CI = Índice de Valor Nominal das exportações/Índice de Paridade implícito de importações.

Até 1886 os índices acima tem no numerador índices relativos ao ano anterior e no denominador o primeiro ano de cada período.

GRÁFICO 1: EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A
INGLATERRA, 1854-1913
(ÍNDICE DE VALOR 1880=100)GRÁFICO 2: IMPORTAÇÕES DO BRASIL PROVENIENTES DA
INGLATERRA, 1850-1913
(ÍNDICE DE VALOR 1880=100)

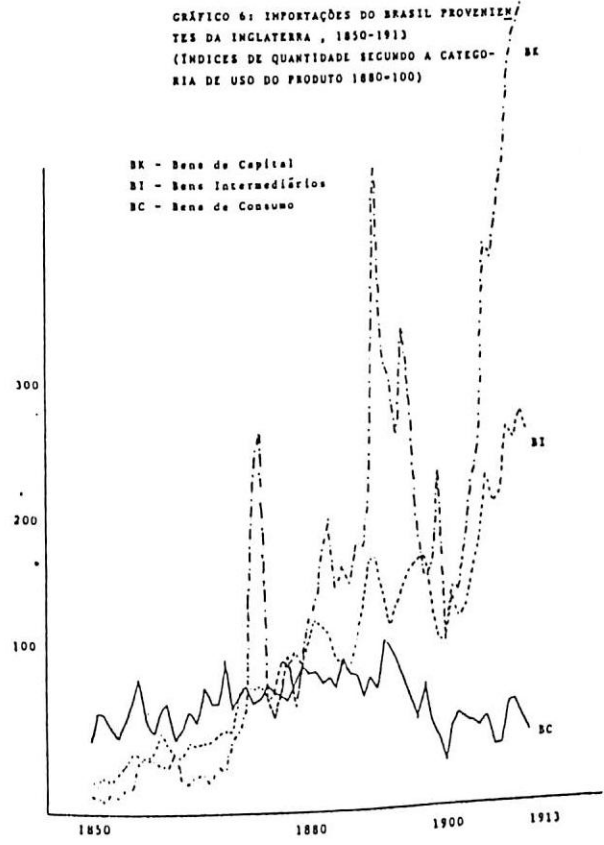
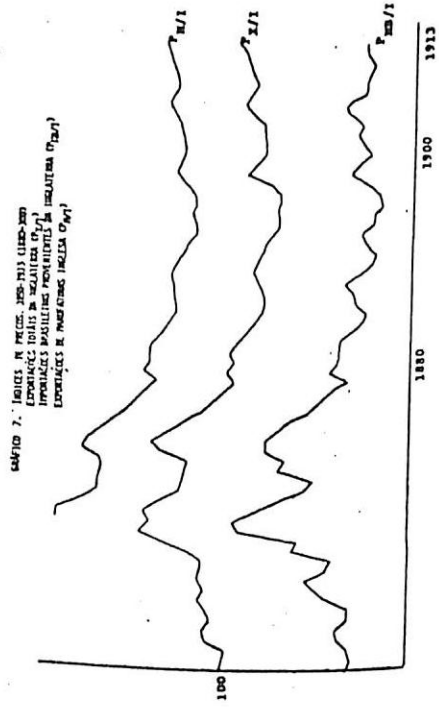
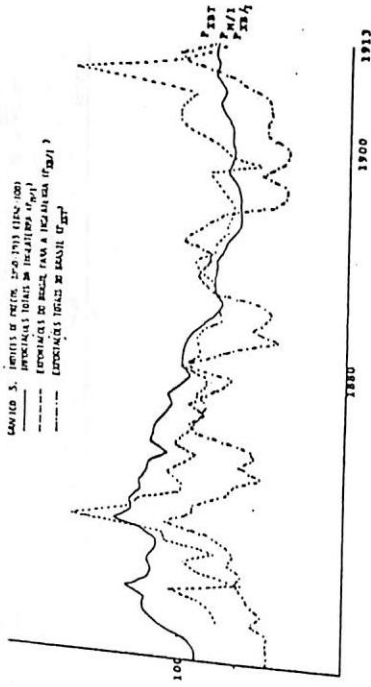
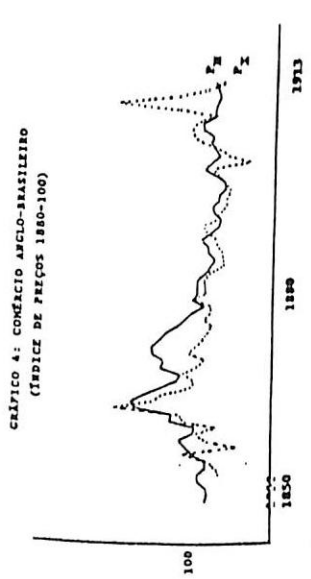
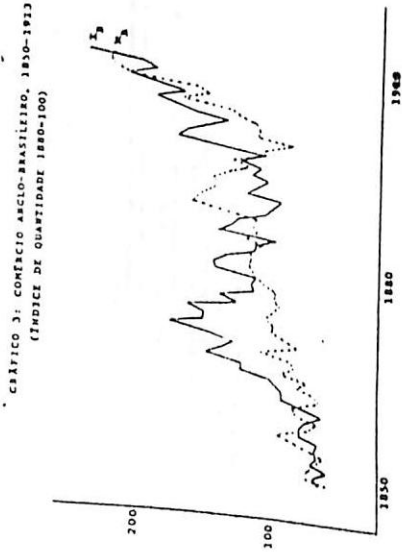


GRÁFICO 8. IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PROVENIENTES DA INGLATERRA, 1850-1913
ÍNDICES DE QUANTIDADE: TECIDOS DE ALGODÃO, FERRO E MAQUINARIA (1880=100)

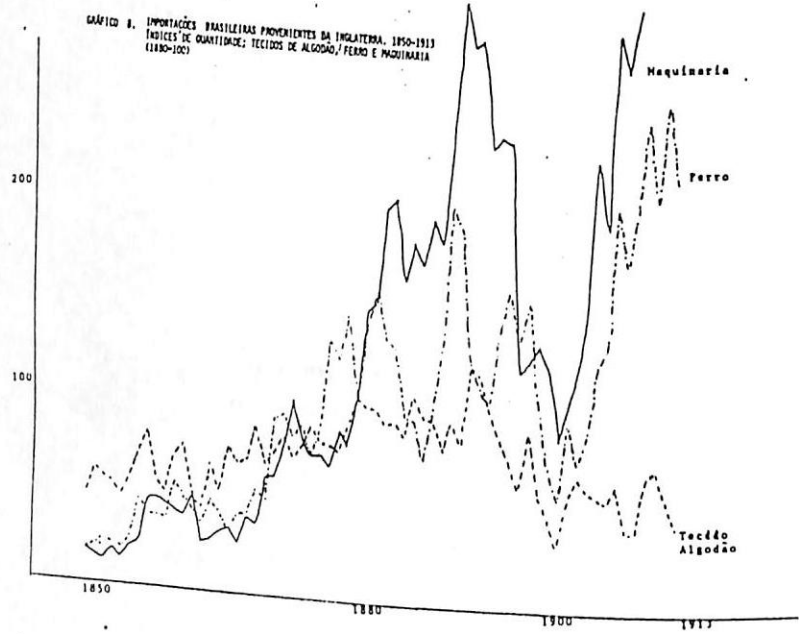


GRÁFICO 9. CONDIÇÃO ANUAL BRASILEIRA, TERMOS DE TROCA E CAPACIDADE PARA
IMPORTAR DO BRASILEL, 1850-1913 (1880=100)

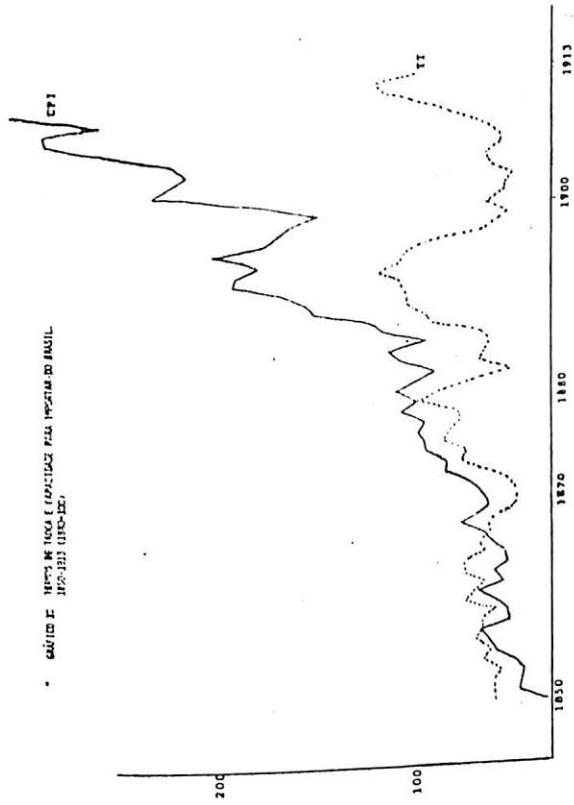
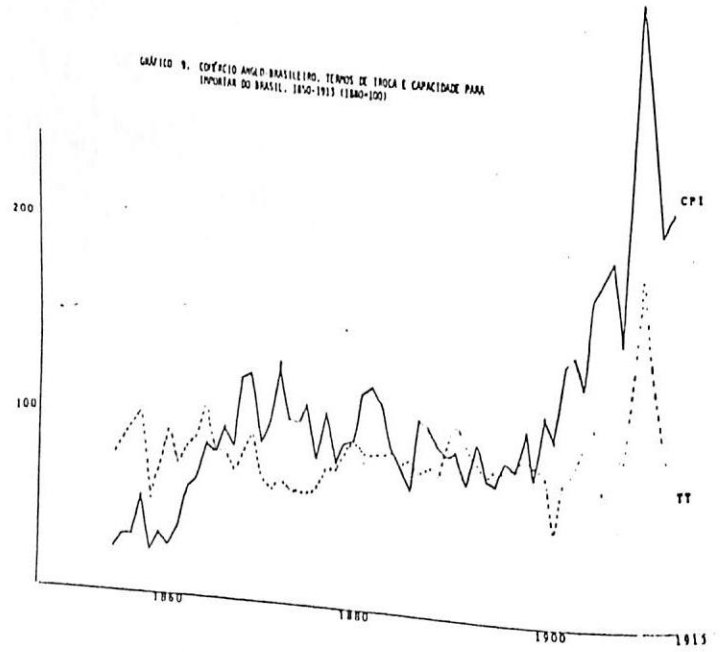


GRÁFICO 10. NÚMERO DE TROCA E CAPACIDADE PARA IMPORTAR DO BRASILEL, 1850-1913 (1880=100)

10. Bibliografia

- ALDCROFT, D. H. and Richardson, H. W. (1969); *The British Economy 1870-1939*, The Macmillan Press Ltd, UK.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL - 1908-12, 1939, 1949.
- ASHWORTH, W. (1952)
Breve história de la Economía Internacional 1850-1950.
Fundo de Cultura Econômica, México.
- BATISTA Jr., P. N. (1980)
Política tarifária Britânica e Evolução das Exportações Brasileiras na primeira metade do século XIX. *Revista Brasileira de Economia*, Abril-Junho, pp. 203-39.
- BARRACLOUGH, G. (1964)
An Introduction to Contemporary History
Penguin Books Ltd, UK.
- CAIRNCROSS, A. K. (1953)
Home and Foreign Investment
1870-1913. *Studies in Capital Accumulation*
Cambridge at The University Press.
- CASTRO, A. C. (1978)
As Empresas Estrangeiras no Brasil, 1860-1913.
Zahar Editoras, RJ.
- CONJUNTURA ECONÔMICA (1948) - Ano 2, nº 5
- FEINSTEIN, C. H. (1961)
Income and Investment in the United Kingdom - 1856-1914.
Economic Journal, pp. 367-85.
- FISHLOW, A. (1972)
Origens e Consequências da Substituição de Importações no Brasil
Estudos Econômicos, SP. Vol.2, nº 6 pp.7-69.
- FURTADO, C. (1970)
Formação Econômica do Brasil
Cia. Editora Nacional, 10ª edição, SP.
- GRAHAM, R. (1968)
Britain and the onset of Modernization in Brazil 1850-1914. Cambridge University Press, UK.

- HADDAD, C. L. (1974)
Crescimento do Produto Real Brasileiro - 1900/1947
Estudos Econômicos da FFEF nº 14.
- IMLAH, A. (1958)
Economic Elements in the Pax Britannica. Cambridge, Massachusetts, USA.
- LANDES, D. S. (1969)
The Unbound Prometheus
Cambridge at the University Press, UK.
- LEWIS, W. A. (1952)
World Production, Prices and Trade, 1870-1960.
The Manchester School of Economic and Social Studies
Vol. XX, nº 2, May, pp. 105-38.
- LEWIS, W. A. (1978)
Growth and Fluctuations 1870-1913
George Allen & Unwin, UK.
- MANCHESTER, A. K. (1933)
Preeminência Inglesa no Brasil
Editora Brasiliense, SP.
- MINICK, R. (1967)
An Analysis of the Contribution of Foreign Investment to the Brazilian Economy - The University of Texas at Austin, Ph.D. Thesis.
- MITCHELL, B. R. (1975)
European Historical Statistics - 1750-1970
The Macmillan Press Ltd, UK.
- MITCHELL, B. R. and Deane, P. (1962)
Abstract of British historical Statistics - CUP, UK.
- NORTH, D. (1958)
Ocean Freight Rates and Economic Development - 1750-1913
The Journal of Economic History XVIII, nº 4. December
- PLATT, D. C. (1972)
Latin America and British Trade 1806-1914
Adam & Charles Black, London

- PRADO, Jr. C. (1976)
História Econômica do Brasil
Editora Brasiliense, SP, 189 edição.
- PREBISCH, R. (1949)
O Desenvolvimento Econômico da América Latina e seus Principais Problemas.
Revista Brasileira de Economia - Setembro 1949
- SAUL, S. B. (1960)
Studies in British Overseas Trade - 1870-1914.
Liverpool University Press.
- SIDERI, S. (1970)
Trade and Power. Informal Colonialism in Anglo-Portuguese Relations
Universitairepers Rotterdam, Holland.
- SILVA, H. (1953)
Tendências e Características do Comércio Exterior do Brasil no século XIX.
Revista de História da Economia Brasileira, vol.1, nº 1.
- SINGER, H (1950)
The Distribution of Gains between Investing and Borrowing Countries
The American Economic Review, Day pp. 473-85.
- SPRAOS, J. (1980)
The Statistical Debate on the Net Barter Terms of Trade Between
Primary Commodities and Manufactures
The Economic Journal, vol.90, nº 357, March, pp.107-28.
- STEIN, S (1957)
Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil - 1850-1950
Editora Campus, Ltd, RJ, 1979.
- VERSIANI, F. R. e Versiani, M. T. (1978)
A Industrialização Brasileira antes de 1930: Uma contribuição
in F. R. Versiani e J. R. M. de Barros (org.) Formação Econômica do Brasil. A Experiência da Industrialização - Ed. Saraiva S/A, SP.
- VILLELA, A e Susigan, W. (1973)
Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira 1889-1945.
IPEA/INPES, RJ.